UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
***CAMPUS* ARAPIRACA**
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

MARIA GABRYELLE DA SILVA SANTOS

A INFLUÊNCIA DA FALA NA ESCRITA DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

ARAPIRACA
2023

MARIA GABRYELLE DA SILVA SANTOS

A INFLUÊNCIA DA FALA NA ESCRITA DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Monografia apresentada ao curso de Letras – Língua Portuguesa da Universidade Federal de Alagoas (campus Arapiraca), como requisito parcial para obtenção do grau de licenciada em Letras – Língua Portuguesa.

Orientadora: Profª. Drª. Eliane Vitorino de Moura Oliveira

ARAPIRACA

2023

Universidade Federal de Alagoas – UFAL
Campus Arapiraca
Biblioteca Setorial *Campus* Arapiraca - BSCA

S237i Santos, Maria Gabryelle da Silva
A influência da fala na escrita de alunos do ensino fundamental [recurso eletrônico] / Maria Gabryelle da Silva Santos. – Arapiraca, 2023.
59 f.: il.

Orientadora: Profa. Dra. Eliane Vitorino de Moura Oliveira.
Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa) - Universidade Federal de Alagoas, *Campus* Arapiraca, Arapiraca, 2023.
Disponível em: Universidade Digital (UD) – UFAL (*Campus* Arapiraca).
Referências: f. 59.

1. Letras. 2. Oralidade. 3. Escrita. I. Oliveira, Eliane Vitorino de Moura. II. Título.

CDU 81

Bibliotecário responsável: Márcio Thiago dos Santos Albuquerque
CRB - 4 / 2052

Maria Gabryelle da Silva Santos

A influência da fala na escrita de alunos do ensino fundamental

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Letras: Língua Portuguesa da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, *Campus* de Arapiraca, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Letras.

Data da aprovação: 26/05/2023

Banca Examinadora

Documento assinado digitalmente
gov.br ELIANE VITORINO DE MOURA OLIVEIRA
Data: 27/05/2023 20:45:01-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Profa. Dra. Eliane Vitorino de Moura Oliveira
Universidade Federal de Alagoas - UFAL
Campus Arapiraca
Orientadora

Documento assinado digitalmente
gov.br JANE CRISTINA BELTRAMINI BERTO
Data: 30/05/2023 13:51:40-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Profa. Dra. Jane Cristina Beltramini Berto
Universidade Federal de Pernambuco - UFRPE
Examinadora

Documento assinado digitalmente
gov.br ANDERSON FRANCISCO VITORINO
Data: 29/05/2023 20:44:20-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof. Me. Anderson Francisco Vitorino
Universidade Federal de Alagoas – UFAL
Campus Arapiraca
Examinador

Dedico ao meu Senhor e Deus, à Virgem Santíssima e a São Miguel Arcanjo, que sempre estiveram comigo.

Aos meus pais, Hermes e Aparecida, e à minha filha, Maria Lunna. Meus grandes amores.

AGRADECIMENTOS

A Deus e à Virgem Maria, por todas as oportunidades e por sempre passarem na frente dos meus caminhos.

A São Miguel Arcanjo, por sempre me defender em cada combate.

Aos meus pais, Hermes José dos Santos e Maria Aparecida da Silva Santos, que sempre acreditaram em mim.

À minha irmã, Maria Camilla, pelo incentivo. Você é uma das minhas inspirações.

Ao meu esposo, Jaelson Antônio, pelo apoio e paciência.

À minha filha, Maria Lunna. Você é um presente de Deus para mim.

Às minhas amigas, Francyelle Fernanda e Maysa Tayuane, e ao meu amigo, Marcos Matias. Obrigada por estarem comigo nesses anos de universidade.

À minha orientadora, Profª. Dra. Eliane Vitorino de Moura Oliveira, pela confiança e paciência. Obrigada pela dedicação e por todo o apoio. Saiba que te admiro muito, como pessoa e profissional. Gratidão!

A todos os profissionais da educação com os quais tive contato, em especial aos professores do curso de Letras, por todo conhecimento adquirido por mim, através de vocês.

RESUMO

Este trabalho visa analisar como a fala influencia a escrita, tendo como objeto de análise os textos de alunos do ensino fundamental de uma escola da Zona Rural do município de Arapiraca-AL. Autores como Koch e Elias (2010), Fávero, Andrade e Aquino (2012), Bortoni-Ricardo, Godim e Benício (2010), Marcuschi (1997), Botelho e Leite (2005), entre outros, constroem nosso referencial teórico e embasam nossas análises. Nossa pesquisa é de cunho qualitativo (PAIVA, 2019), e nosso principal objetivo é analisar os textos escritos dos alunos do 6º e 9º ano do ensino fundamental, observando como os traços da fala interferem nessas produções e quais os traços que são mais frequentes, assim como entender possíveis motivos dessas ocorrências. Buscamos também refletir sobre o modo como professores podem intervir para que os alunos consigam utilizar a fala e a escrita adequadamente. Com o foco na interferência da oralidade na escrita, confirmamos que essa influência é previsível e passível de ser eficazmente trabalhada em sala de aula. Entender, nos resultados, que há algum progresso na diminuição de traços do 6º para o 9º ano é algo que precisa ser destacado no âmbito da educação básica, sustentando, assim, a importância da observação da fala em produções textuais.

Palavras-chave: oralidade; escrita; metaplasmos.

ABSTRACT

This work aims to analyze how speech influences writing, having as object of analysis the texts of elementary school students from a school in the rural area of the municipality of Arapiraca-AL. Authors such as Koch and Elias (2010), Fávero, Andrade and Aquino (2012), Bortoni-Ricardo, Godim and Benício (2010), Marcuschi (1997), Botelho and Leite (2005), among others, build our theoretical framework and support our analyses. Our research is of a qualitative nature, and our main objective is to analyze the written texts of students in the 6th and 9th grade of elementary school, observing how speech traits interfere in these productions and which traits are most frequent, as well as understanding possible reasons of these occurrences. We also seek to reflect on how teachers can intervene so that students can use speech and writing properly. Focusing on the interference of orality in writing, we confirm that this influence is predictable, and can be worked on in the classroom, in order to reduce these marks. The results show a reality that needs to be highlighted in the context of basic education, thus supporting the importance of speech observation in textual productions.

Keywords: orality; writing; metaplasms.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Texto 1, 6º ano..... 27
Figura 2 - Texto 2, 6º ano..... 30
Figura 3 - Texto 3, 6º ano..... 31
Figura 4 - Texto 4, 6º ano..... 33
Figura 5 - Texto 5, 6º ano..... 35
Figura 6 - Texto 6, 6ºano..... 36
Figura 7 - Texto 7, 6º ano..... 37
Figura 8 - Texto 8, 6º ano.....39
Figura 9 - Texto 9, 6º ano..... 41
Figura 10 - Texto 10, 6º ano..... 42
Figura 11 - Texto 1, 9º ano..... 44
Quadro 1- Síntese das marcas da oralidade encontradas nos textos do 6º ano..... 43
Figura 12 - Texto 2, 9º ano..... 46
Figura 13 - Texto 3, 9º ano..... 47
Figura 14 - Texto 4, 9º ano..... 47
Figura 15 - Texto 5, 9º ano..... 48
Figura 16 - Texto 6, 9º ano..... 49
Figura 17 - Texto 7, 9º ano..... 50
Figura 18 - Texto 8, 9º ano..... 52
Figura 19 - Texto 9, 9º ano..... 53
Figura 20 - Texto 10, 9º ano..... 54
Quadro 2- Síntese das marcas da oralidade encontradas nos textos do 9º ano.....54

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO....10
2 REFERENCIAL TEÓRICO....12
2.1 Fatores formadores dos textos orais e escritos....17
2.2 Condições de produção dos textos falados e escritos....21
2.3 Processos de transformação fonética....22
2.3.1 Metaplasmos por aumento....22
2.3.2 Metaplasmos por supressão....23
2.3.3 Metaplasmos por transposição....23
2.3.4 Metaplasmos por transformação....23
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS....25
4 ANÁLISES E DISCUSSÕES....27
4.1 Produções textuais 6º ano....27
4.1.1 Texto 1, 6º ano....27
4.1.2 Texto 2, 6º ano....30
4.1.3 Texto 3, 6º ano....31
4.1.4 Texto 4, 6º ano....32
4.1.5 Texto 5, 6º ano....34
4.1.6 Texto 6, 6º ano....36
4.1.7 Texto 7, 6º ano....37
4.1.8 Texto 8, 6º ano....39
4.1.9 Texto 9, 6º ano....41
4.1.10 Texto 10, 6º ano....42
4.2 Produções textuais 9º ano....44
4.2.1 Texto 1, 9º ano....44
4.2.2 Texto 2, 9º ano....45
4.2.3 Texto 3, 9º ano....47
4.2.4 Texto 4, 9º ano....47
4.2.5 Texto 5, 9º ano....48
4.2.6 Texto 6, 9º ano....49
4.2.7 Texto 7, 9º ano....50
4.2.8 Texto 8, 9º ano....51
4.2.9 Texto 9, 9º ano....52

4.2.10 Texto 10, 9º ano.....53
5 MARCAS ENCONTRADAS.....55
5.1 Operações de transformação.....56
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....58
REFERÊNCIAS.....59

1 INTRODUÇÃO

A linguagem é o meio pelo qual os indivíduos interagem entre si, fazendo uso tanto da modalidade oral ou escrita da língua, quanto da Língua de Sinais. De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), publicada em 2018, uma das condições para o exercício pleno da cidadania é o domínio da linguagem e da língua, cabendo à escola a contribuição para que os alunos a exerçam.

Levando isso em consideração, e em concomitância com o fato de a oralidade e a escrita serem atividades pelas quais se concretiza a linguagem, nossa pesquisa levanta questões acerca da influência da oralidade nos textos escritos. Para melhor especificar, discutimos sobre a influência da fala na escrita de alunos do ensino fundamental de uma escola na Zona Rural de Arapiraca - Alagoas.

De maneira natural, o ser humano adquire a fala no seu dia a dia, já a escrita é adquirida dentro meio escolar (MARCUSCHI, 1997). Considerando isso, acreditamos ser esse um dos motivos pelo qual há ocorrência de expressões/termos característicos da língua falada nas produções escritas dos alunos. Para comprovar ou negar essa questão, analisamos textos escritos por alunos do 6º e 9º anos do ensino fundamental, nos quais observou-se a ocorrência de sinais da oralidade.

Nosso objetivo geral é analisar a interferência da fala na escrita de alunos do ensino fundamental, comparando a sua ocorrência em produções textuais no 6º e no 9º ano. Para que possamos alcançá-lo, este trabalho busca responder aos seguintes questionamentos: 1) quais ocorrências da oralidade aparecem nos textos escritos dos alunos?; 2) a frequência de influência da fala nos textos dos alunos diminui levando em consideração a série escolar?; 3) a série escolar pode ser considerada um fator para a influência da fala na escrita?; 4) de que maneira o reconhecimento da influência da fala na escrita poderá contribuir para o ensino-aprendizagem na educação básica?

Para isso, analisamos os seguintes pontos: 1) traços de informalidade na escrita, como, por exemplo, a presença de transformações fonéticas, como os metaplasmos; 2) marcas próprias da fala, como implicitudes, repetições, hesitações, anacolutos, elipses, contingências, e marcadores conversacionais; 3) se os níveis de estruturação da fala são reproduzidos nas produções analisadas; e 4) como se dá a coesão nestes textos.

As partes que compõem este trabalho são Introdução, trazendo uma breve visão sobre toda a pesquisa; Referencial Teórico, que mostra as concepções de alguns autores, como Marcuschi (1997), Botelho e Leite (2005), Koch e Elias (2010), Bortoni-Ricardo, Godim e

Benício (2010), Fávero, Andrade e Aquino (2012), ,além de tomar o documento oficial que norteia o ensino no Brasil, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018), como fundamento para as discussões; na sequência, a seção de Procedimentos Metodológicos, em que situamos a pesquisa no escopo da Linguística Aplicada e descrevemos os passos dados para a realização desta pesquisa; Análises e Discussões efetuadas, assim como os resultados alcançados e reflexão sobre eles, fechando com nossas Considerações Finais e Referências.

Começamos trazendo nosso aporte teórico na próxima seção.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

As modalidades oral e escrita da língua têm seus momentos de uso e suas formas de realização, mas acabam se interrelacionando em alguns momentos de interação, sobretudo em textos escolares. Levantar o quanto a fala interfere nas produções escritas auxiliará professores de Língua Portuguesa a refletir sobre a melhor forma de mostrar aos alunos as particularidades de cada uma das duas modalidades, levando-os a reconhecer as diferenças quando forem produzir seus textos nos devidos contextos e, com isso, sobre a língua, para assim alcançar seus objetivos de interação.

A escola e, consequentemente, o professor, são os responsáveis por planejar e executar as atividades didáticas, levando em consideração as necessidades dos seus discentes, visando sempre à aprendizagem. A BNCC (BRASIL, 2018) apresenta uma proposta de ensino de Língua Portuguesa que toma como base o texto, como podemos verificar a seguir:

> Tal proposta assume a centralidade do **texto** como unidade de trabalho e as perspectivas enunciativo-discursivas na abordagem, de forma a sempre relacionar os textos a seus contextos de produção e o desenvolvimento de habilidades ao uso significativo da linguagem em atividades de leitura, escuta e produção de textos em várias mídias e semioses. (BRASIL, 2018, p. 67, grifo no do autor).

Ou seja, o ensino precisa acontecer a partir e por meio do texto (de forma contextualizada), objetivando a atividade discursiva – embora, ainda hoje, percebamos muitos professores usando o texto como mero pretexto, trabalhando com atividades de memorização e nomenclaturas.

Apesar de os documentos oficiais orientarem o contrário, o ensino da produção textual escrita se dá, muitas vezes, a partir de fórmulas que levam o aluno a repetições, sem refletir sobre o que está produzindo por escrito, o que, entre outras coisas, resulta numa escrita marcada pela fala, como percebemos em textos escritos na educação básica, os quais contêm diversas marcas da oralidade, pelo fato de os alunos não saberem diferenciar a língua falada da língua escrita; de não saberem avaliar as especificidades de cada uma.

Koch e Elias (2010) mencionam que

> a criança, quando chega à escola, já domina a língua falada. Ao entrar em contato com a escrita, precisa adequar-se às exigências desta, o que não é tarefa fácil. É por essa razão que seus textos se apresentam eivados de marcas da oralidade, que, aos poucos, deverão ser eliminadas. (KOCH; ELIAS, 2010, p. 18).

Sobre o mesmo assunto, Marcuschi (1997, p. 120) menciona que “a fala é adquirida naturalmente em contextos informais do dia a dia. A escrita, em uma faceta institucional, se adquire em contextos formais: na escola”.

Deste modo, escolas e professores precisam criar situações para que os alunos tenham contato com diversos textos, orais e escritos, dando condições para os alunos ampliarem suas capacidades discursivas e se tornarem capazes de interagir nos diversos contextos. De acordo com a BNCC,

> os conhecimentos sobre os gêneros, sobre os textos, sobre a língua, sobre a norma-padrão, sobre as diferentes linguagens (semioses) devem ser mobilizados em favor do desenvolvimento das capacidades de leitura, produção e tratamento das linguagens, que, por sua vez, devem estar a serviço da ampliação das possibilidades de participação em práticas de diferentes esferas/campos de atividades humanas. (BRASIL, 2018, p. 67).

De forma mais específica, sobre o ensino de Língua Portuguesa, o mesmo documento afirma que,

> ao componente Língua Portuguesa cabe, então, proporcionar aos estudantes experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens. (BRASIL, 2018, p. 67-68).

Além disso, o ensino de Língua Portuguesa precisa acontecer de maneira contextualizada. Observando o contexto em que o aluno vive, podemos oferecer um ensino-aprendizagem verdadeiramente efetivo, em que será possível ver os resultados serem alcançados. É necessário, portanto,

> contextualizar os conteúdos dos componentes curriculares, identificando estratégias para apresentá-los, representá-los, exemplificá-los, conectá-los e torná-los significativos, com base na realidade do lugar e do tempo nos quais as aprendizagens estão situadas. (BRASIL, 2018, p. 16).

Percebemos que não basta apenas passar o conteúdo de qualquer forma e considerá-lo como uma etapa concluída, precisamos enxergar o ensino de outro modo e, acima de tudo, ter foco nas necessidades do aluno.

O aluno precisa deixar de ser tratado como ser passivo e ser visto como ativo, para participar e ser protagonista da sua aprendizagem, atuando ativamente nas atividades desenvolvidas pelo professor. Para isso, ele também precisa querer se envolver na atividade de aprendizagem.

A BNCC nos apresenta dez competências específicas de Língua Portuguesa para o ensino fundamental e, para este trabalho, importa destacar as seguintes:

> **3.** Ler, escutar e produzir textos orais, escritos e multissemióticos que circulam em diferentes campos de atuação e mídias, com compreensão, autonomia, fluência e criticidade, de modo a se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos, e continuar aprendendo. [...] **5.** Empregar, nas interações sociais, a variedade e o estilo de linguagem adequados à situação comunicativa, ao(s) interlocutor(es) e ao gênero do discurso/gênero textual. (BRASIL, 2018, p. 87).

Assim como a escrita, percebemos, a partir do que foi apontado pelo documento oficial, que trabalhar a oralidade é de fundamental importância no ensino-aprendizagem, para que sejam alargadas as competências comunicativas do aluno, o que, como se lê em Fávero, Andrade e Aquino (2012), não significa ensinar os alunos a falar, mas, sim, apresentar-lhes as variedades de usos da fala, conscientizando-os de que a língua não é homogênea ou monolítica. Isso será possível, ainda de acordo com as autoras, se trabalharmos em sala de aula os níveis, partindo do coloquial até o formal, por meio de práticas de ensino-aprendizagem que façam uso das duas modalidades, falada e escrita, e mostrem a influência de uma na prática da outra, para que os alunos percebam e se apropriem de ambas.

Os indivíduos, na interação, selecionam termos e a estrutura do discurso que produzirão, dependendo da intenção comunicativa, da classe social à qual os interlocutores fazem parte, a quem a conversa se dirige, entre outros fatores. Mesmo que as escolhas, em alguns momentos, sejam feitas de modo não planejado, há seleção prévia.

Essas seleções ocorrem de modo antecipado à produção textual efetiva ou, às vezes, durante a própria produção. Alguns momentos possibilitarão ao sujeito selecionar recursos linguísticos, comportamentos etc., previamente, podendo, desse modo, fazer substituições e correções, como, por exemplo, na produção de um artigo científico ou de uma conferência. Já, em outros não há essa possibilidade, como é o caso de uma conversa espontânea, em que as seleções são feitas durante sua realização. Assim sendo, tanto discursos orais quanto escritos passam por escolhas.

Fávero, Andrade e Aquino (2012) alegam ser possível perceber o processo e as estratégias da organização do texto falado, como as retomadas, os cortes e vários outros processos. Segundo Bortoni-Ricardo, Godim e Benício (2010), a fala depende do contexto em que se realiza, por esse motivo, ela se mostra rodeada de implicitudes, repetições, hesitações, anacolutos, elipses, contingências, cooperação e o esforço para o envolvimento.

Segundo Fávero, Andrade e Aquino (2012),

> a elaboração do texto escrito – assim como do oral – envolve um objetivo ou intenção do locutor. Contudo, o entendimento desse texto não diz respeito apenas ao conteúdo semântico, mas à percepção das marcas de seu processo de produção. Essas marcas orientam o interlocutor no momento da leitura, na medida em que são pistas linguísticas para a busca do efeito de sentido pretendido pelo produtor. (FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 2012. p. 27).

De acordo com Bortoni-Ricardo, Godim e Benício (2010),

> a escrita, por seu turno, apoia-se menos no contexto e por isso precisa ser mais explícita. É também mais condensada e faz uso de maior precisão vocabular. Quando escrevemos podemos planejar melhor a nossa produção. Quando falamos o planejamento é quase simultâneo à articulação, mas isso é compensado pelas repetições e redundâncias e pelos recursos rítmicos, entoacionais e gestuais. Também o texto escrito permite ao leitor avançar e recuar, se necessário, o que favorece a compreensão de estruturas sintáticas mais complexas como, por exemplo, o encaixamento sucessivo de orações subordinadas e a construção de cadeias anafóricas mais extensas. (BORTONI-RICARDO; GODIM; BENÍCIO, 2010. p. 3).

Em decorrência disso, e acima de tudo, é imprescindível conduzir os alunos a refletir sobre sua língua materna, principalmente a partir dos textos que eles próprios produzem e daqueles que são corriqueiros no dia a dia, para que, assim, sejam capazes de adequá-los aos formatos exigidos e de entendê-los, quando surgirem. Além disso, como aponta a BNCC (2018),

> os conhecimentos sobre a língua, as demais semioses e a norma-padrão não devem ser tomados como uma lista de conteúdos dissociados das práticas de linguagem, mas como propiciadores de reflexão a respeito do funcionamento da língua no contexto dessas práticas. (BRASIL, 2018, p. 139).

Quando interagimos, fazemos isso através de textos escritos e falados. Por isso, quando falamos de reflexão da língua, e consequentemente dos diversos textos, não estamos nos referindo apenas aos textos escritos, mas também aos orais. Marcuschi (1997, p. 119-120) afirma que "fica difícil, se não impossível, o tratamento das relações entre a fala e a escrita centrando-se exclusivamente no código". Partindo disso, o autor concebe a língua e o texto como práticas sociais, afirmando que a escrita se tornou indispensável para a sobrevivência, porém "seria possível definir o homem como um *ser que fala*, mas não como um *ser que escreve*, o que traduz a convicção, hoje tão generalizada quanto trivial, de que a escrita é derivada e a fala é primária" (MARCUSCHI, 1997, p. 20, grifos do autor). O autor faz esta afirmação e ainda acrescenta que todas as culturas tiveram uma tradição oral, mas nem todas têm uma tradição escrita. Daí a importância de considerarmos como indispensável a modalidade oral da língua.

Em consonância com tudo que já foi dito e considerando que a interlocução acontece por meio dos textos que produzimos, vale ressaltar que é nas produções textuais – aqui não nos referimos apenas aos textos escritos, mas também aos orais – dos alunos que os docentes perceberão para quais necessidades se dirigirá o ensino. Neste sentido, conforme Fávero, Andrade e Aquino (2012, p. 15) "o ensino da oralidade não pode ser visto isoladamente, isto é, sem relação com a escrita, pois elas mantêm entre si relações mútuas e intercambiáveis.".

Em concordância, Bortoni-Ricardo, Gondim e Benício (2010) relatam que as duas modalidades – fala e escrita – estão em um *continuum*, afirmando que não estão em direções opostas radicalmente, mas compartilham características. Aqui percebemos harmonia com Marcuschi (1997) quando alega que, embora percebamos algumas diferenças entre a fala e a escrita, elas acontecem em um contínuo tipológico, não sendo dicotômicas ou polarizadas. Ainda de acordo com o autor,

> o contínuo tipológico distingue e correlaciona os textos de cada modalidade quanto às estratégias de formulação textual que determinam o contínuo das características que distinguem as variações das estruturas, seleções lexicais etc. Tanto a fala como a escrita se dão num contínuo de variações, surgindo daí semelhanças e diferenças ao longo de dois contínuos sobrepostos. (MARCUSCHI, 1997. p. 137, grifo do autor).

Levando em consideração esse contínuo tipológico, as semelhanças e diferenças que ocorrem entre as duas modalidades da língua – oral e escrita, importa definirmos os conceitos de oralidade, letramento, fala e escrita.

De acordo com Marcuschi (1997), quando falamos em oralidade e letramento, estamos tratando de duas práticas sociais; já em fala e escrita, falamos de duas modalidades de uso da língua.

Quanto aos conceitos de oralidade e letramento, Marcuschi (1997, p. 126) define oralidade como "uma prática social que se apresenta sob variadas formas ou gêneros textuais que vão desde o mais informal ao mais formal e nos mais variados contextos de uso". Segundo o mesmo autor (1997), a utilização da escrita no meio social, realizada tanto por um analfabeto que sabe reconhecer, "ler" o dinheiro, por exemplo, até por pessoas com maior nível de alfabetização, é chamada de letramento.

Em relação aos conceitos de fala e escrita, o autor entende que

> a *fala* seria uma forma de produção textual-discursiva oral, sem a necessidade de uma tecnologia além do aparato disponível pelo próprio ser humano. A *escrita* seria, além de uma tecnologia de representação abstrata da própria fala, um modo de produção textual-discursiva com suas próprias especificidades. (MARCUSCHI, 1997, p. 126, grifos do autor).

Ainda segundo Marcuschi (1997), embora dicotomizadas, ambas refletem a organização social, pois tanto uma quanto outra tem um papel na sociedade, sendo um engano apontar uma como superior à outra.

De acordo com essas definições, é notório o motivo de tratarmos oralidade e fala como sendo sinônimos, além de tornar evidente o elo estabelecido entre oralidade, letramento, fala e escrita, o que é mais bem especificado na próxima subseção.

2.1 Fatores formadores dos textos orais e escritos

Segundo Fávero, Andrade e Aquino (2012, p. 25), no texto falado, temos alguns níveis de estruturação: nível local, no qual "a conversação se estabelece por meio de turnos (produção de um falante enquanto ele está com a palavra) em que os interlocutores se alternam e desenvolvem suas falas um após o outro, podendo haver momentos de hesitação, sobreposição e assalto ao turno"; nível global, em que "ao mesmo tempo em que a organização local ocorre, a formulação textual obedece a certas normas de organização global, sobretudo no que diz respeito à condução do tópico discursivo." (FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 2012. p. 25). Neste último pode ocorrer uma digressão, que é uma interrupção do tópico discursivo, que depois é retomado.

No texto escrito, temos o parágrafo como elemento estruturador:

> Um texto escrito tem no parágrafo uma de suas unidades de construção. Essa unidade é composta de um ou mais períodos reunidos em torno de ideias estritamente relacionadas. Nos textos bem-formados, em geral, a cada parágrafo deve relacionar-se uma ideia importante, não havendo normas rígidas para a paragrafação. De fato, o produtor pode fazer uso da paragrafação para marcar a sua intencionalidade. [...]. Quanto à estrutura, o parágrafo padrão organiza-se como um pequeno texto (microtexto), apresentando introdução, desenvolvimento e conclusão. (FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 2012. p. 27-28).

Além disso, para que um parágrafo seja bem estruturado, é necessário unidade, coerência, concisão e clareza (GARCIA, 2004).

A formalidade e a informalidade estão presentes nas produções textuais orais e escritas. Nas duas modalidades de texto, temos também a presença da coesão e da coerência. É importante destacar que esses fatores não são analisados da mesma forma nas duas modalidades, visto que cada uma tem suas especificidades.

Considerando coesão e coerência como fundamentais para que haja texto, Fávero, Andrade e Aquino (2012, p. 33) explicam que a coesão, algumas vezes, é revelada "por meio de marcas formais na estrutura linguística, manifestando-se na organização sequencial do texto e sendo percebida na superfície textual em seus aspectos léxico, sintático e semântico; outras vezes, vem subentendida, não marcada linguisticamente.

As autoras (2012) estabelecem algumas formas de coesão de textos orais: referencial, recorrencial e sequencial. No que se refere à coesão referencial, é perceptível ocorrência de reiteração, "a alta incidência de repetições no texto falado é perceptível com facilidade e favorece a coesão, além de contribuir para a organização tópica" (FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 2012, p. 34). Em relação à coesão recorrencial, as autoras destacam a paráfrase, que é, basicamente, dizer a mesma coisa utilizando outras palavras. Na coesão sequencial, há a presença de conectores.

Já no que diz respeito à coerência, as autoras (2012) esclarecem que ela

> pode ser definida como um princípio de interpretabilidade do texto, envolvendo fatores de ordem cognitiva, linguística e interacional. Está relacionada à boa formação do texto e se estabelece a partir de uma unidade de sentido (atualização seletiva dos significados virtuais das expressões linguísticas), o que a caracteriza como algo global, isto é, referente ao texto como um todo. [...] a coerência é tomada como uma possibilidade de emergência de sentido e de compreensão que se concretiza no âmbito das relações interativas entre os usuários na construção da textualidade [...] sua instauração no texto se dá a partir de perspectivas de produção da atividade conversacional em funcionamento. [...] é propriedade não do texto, mas daqueles que interagem nesse texto. [...] Assim, para que haja entendimento entre os interlocutores, é preciso que eles sejam coerentes no que dizem e, principalmente, saibam sobre o que dizem (tópico discursivo). (FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 2012. p. 36).

Os outros elementos que organizam o texto falado, como turno, tópico discursivo, marcadores conversacionais e par adjacente, são, para as autoras, os responsáveis por sua coesão e coerência.

Fávero, Andrade e Aquino (2012), classificam turno como

> a produção de um falante enquanto ele está com a palavra, incluindo a possibilidade de silêncio. Na conversação, ocorre a alternância dos participantes, isto é, os interlocutores revezam-se nos papéis de falante e ouvinte. Nessa perspectiva, pode-se caracterizar a conversação como uma sucessão de turnos, entendendo-se por turno qualquer intervenção dos participantes (tanto as intervenções de caráter informativo, quanto breves sinais de monitoramento, como: *ahn ahn; sei; certo*) durante a interação. (FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 2012. p. 37-38).

O tópico discursivo pode ser tomado como o assunto da conversação. Sendo assim, "pode-se dizer que o tópico é um elemento estruturador da conversação, pois os interlocutores sabem quando estão interagindo dentro de um mesmo tópico, quando mudam, cortam, retomam ou fazem digressões." (FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 2012. p. 39). Além disso, ele acontece dentro de um contexto, no qual os interlocutores estão envolvidos.

Os marcadores conversacionais dizem respeito a elementos verbais, prosódicos e não linguísticos. Neste trabalho, olharemos para os elementos verbais. De acordo com Fávero, Andrade e Aquino (2012. p. 47-48) expressões como "claro, certo, uhn, ahn, viu, sabe? né?, quer dizer, eu acho, então, daí, aí", são marcadores conversacionais, os quais encadeiam textos, trazendo coesão a eles, aos tópicos que vão se expondo no decorrer da produção do texto falado, além de evitarem uma conversação monóloga. Além disso, eles também segmentam os textos, preenchendo, na fala, o lugar que a pontuação toma na escrita. Os marcadores conversacionais conduzem e fazem a manutenção do tópico discursivo, trazendo continuidade à interação; garantem a unidade tópica e marcam os tipos de articulação.

As autoras (2012, p. 53) esclarecem que o par adjacente se constitui como "elemento básico da interação", dando destaque a construções como pergunta-resposta; convite-aceitação ou recusa; pedido-concordância ou recusa; saudação-saudação, denominados "pares adjacentes", os quais seriam os responsáveis pela organização local da conversação, já que encadeiam as ações e servem, também, como introdutores de tópicos.

Esses são os elementos que estabelecem a coesão e a coerência no texto falado.

Como já mencionado, ao produzirem um discurso, os indivíduos fazem algumas seleções que visam à organização do seu texto, seja ele oral ou escrito. Assim, de acordo com os fins que se quer alcançar, além dessas seleções, ainda são feitos usos de outros tipos de atividades: as atividades de formulação. Segundo Fávero, Andrade e Aquino (2012), os textos fazem uso dessas atividades, porém se realizam de formas diferentes em cada modalidade. De acordo com as autoras,

> formular não significa simplesmente deixar ao interlocutor a "tarefa" da compreensão, mas, sim, deixar, [...] marcas para que o texto possa ser compreendido, o que faz com que a produção do texto seja, ao mesmo tempo, *ação* e *interação*. Desse modo, podemos afirmar que as atividades de formulação visam sempre à intercompreensão. (FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 2012, p. 58, grifos das autoras).

As autoras ainda explicam que são duas as atividades de formulação do texto oral: *stricto sensu*, em que não há problemas de formulação; e *lato sensu*, em que existem questões a serem

resolvidas. Entre tais reformulações, quatro têm destaque: hesitação, paráfrase, repetições e correções.

Para Fávero, Andrade e Aquino (2012, p. 59), "as *hesitações* são tidas como um tipo de "problema" que é captado durante sua formulação/linearização, isto é, *on line*, caracterizando-se por seu aspecto prospectivo, já que tem como escopo algo que vem depois." (Grifos das autoras). As autoras destacam que as hesitações não têm um caráter de correção, mas prospectivo. Em relação à paráfrase, elucidam ser "um enunciado que reformula um anterior e com o qual mantém uma relação de equivalência semântica" (FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 2012. p. 62), cuja principal função é garantir a intercompreensão.

Em relação à repetição, as autoras baseiam-se em Marcuschi (1996) para afirmar que

> a repetição é uma das atividades de formulação mais presentes na oralidade, podendo assumir um variado conjunto de funções. Dentre elas, podemos destacar a sua contribuição para a organização do discurso e a manutenção da coerência textual, bem como a organização tópica e a geração de sequências mais compreensíveis." [...] "as repetições conduzem à produção de seguimentos inteiros duas ou mais vezes, motivados por fatores de ordem interacional, cognitiva, textual. (FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 2012. p. 64).

Por fim, as correções também reformulam outro enunciado, em busca de melhor compreensão do conteúdo.

Quando se trata de texto escrito, ocorre edição para se chegar ao produto final, por isso, hesitações, repetições e correções não estão presentes nessa modalidade, pois acontece o processo de substituição ou eliminação desses aspectos durante o processo de formação do discurso. Já a paráfrase aparece também no texto escrito, pois, de acordo com Fávero, Andrade e Aquino (2012, p. 71), ela "sempre se remete a um texto anterior para reafirmá-lo ou esclarecê-lo, criando, portanto, uma relação de intertextualidade. Há casos em que a paráfrase ultrapassa os limites do texto original, expandindo-o em novos significados.".

Ainda trazendo características distintivas entre língua falada e língua escrita, as autoras, citando Drieman (1962), trazem algumas características pertencentes à língua escrita, como a presença de palavras mais longas (polissilábicas), mais adjetivos atributivos, vocabulário variado, texto curto. Pesquisas realizadas por Grunner (1967, *apud* FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 2012, p. 75) relatam que os pronomes pessoais são mais produzidos na fala, estando presentes também termos de referência ao contexto e indicativos da subjetividade (eu acho, na minha opinião).

Esses caminhos para a análise de texto devem sempre levar em consideração a situação comunicativa. Segundo Fávero, Andrade e Aquino (2012. p. 75-76), para que consigamos

perceber o papel de cada interlocutor dentro do texto, seja ele falado ou escrito, é necessário verificar o que constitui o contexto comunicativo, as características pessoais, como a personalidade, interesses, crenças, modos e emoções, e do grupo social (classe social, grupo étnico, sexo, idade, ocupação, educação, entre outros).

É importante também que percebamos as relações mantidas pelos interlocutores, o papel social de cada um, além do compartilhamento do conhecimento que faz parte da interação. Ainda, na situação discursiva, deve-se notar os aspectos físicos, temporais e espaço-temporais dos interlocutores, além do propósito do evento, além dos valores partilhados no evento comunicativo.

Dos participantes, devemos observar os sentimentos, julgamentos, tom de fala e grau de comprometimento. As autoras ainda destacam como importantes para a análise o envolvimento do participante com o texto, os aspectos linguísticos – relativos à língua em si; prosódicos – relacionados à entonação; e paralinguísticos – todos os aspectos não verbais que acompanham a expressão oral.

Ventola (1979, *apud* Fávero, Andrade e Aquino, 2012, p. 19), valoriza algumas variáveis, para que analisemos a estrutura da conversação, que são: o tópico ou assunto, o tipo de situação, os papéis dos participantes, o modo e meio do discurso. Através do tópico ou assunto são estabelecidos os relacionamentos sociais. Na situação, está o encontro face a face. Os papéis dos participantes requerem comportamentos diferentes dependendo da situação em que o participante for posto. O modo está ligado ao propósito da interação e o meio é o canal de comunicação em que a mensagem oral é transmitida. Todos têm relação com as discussões trazidas na próxima subseção.

2.2 Condições de produção dos textos falados e escritos

Consoante Fávero, Andrade e Aquino (2012), para relacionar as duas modalidades da língua (fala e escrita), é preciso perceber as condições de produção de cada modalidade. Desse modo, quando olhamos para os textos falados, temos as seguintes condições de produção: interação face a face, planejamento simultâneo ou quase simultâneo à produção, criação coletiva, impossibilidade de apagamento, sem condições de consulta a outros textos, a reformulação pode ser promovida tanto pelo falante como pelo interlocutor, acesso imediato às reações do interlocutor, o falante pode processar o texto, redirecionando-o a partir das reações do interlocutor, o texto mostra todo o seu processo de criação.

Já em relação aos textos escritos temos: interação à distância, planejamento anterior à produção, criação individual, possibilidade de revisão, livre consulta, a reformulação é promovida apenas pelo escritor, sem possibilidade de acesso imediato, o escritor pode processar o texto a partir das possíveis reações do leitor, o texto tende a esconder o seu processo de criação, mostrando apenas o resultado.

Na próxima subseção, discorremos sobre algumas marcas que se inserem no planejamento textual, incidindo sobre fala e escrita, mas, sobretudo no texto oralizado, que são as transformações fonéticas.

2.3 Processos de transformação fonética

De acordo com Botelho e Leite (2005), metaplasmos é o nome dado aos processos de transformação fonética que a Língua Portuguesa passou, desde o Latim ao que é hoje. Segundo os autores, esses processos continuam transformando a língua, sobretudo no uso efetivo por meio da fala, uma vez que pode acontecer de o léxico sofrer transformações fonéticas que resultem num novo vocábulo.

Para essa pesquisa, interessam-nos alguns desses processos, os quais descrevemos na sequência.

2.3.1 Metaplasmos por aumento

Segundo Botelho e Leite (2005, p. 3), metaplasmos por aumento "ocorrem quando inserimos um fonema no vocábulo, aumentando assim a sua forma fonética", sendo de quatro tipos:

1) Epêntese: inclusão de um novo fonema no meio da palavra, como, por exemplo, em *estalo*, resultando em *est**r**alo*.

2) Anaptixe ou suarabácti: inclusão de uma vogal separando um encontro consonantal, como, por exemplo, em *pneu*, resultando em *p**e**neu* ou p*i*neu.

3) Paragoge ou epítese: acréscimo de um fonema no final da palavra, como, por exemplo, em *internet* resultando em *internete*.

4) Prótese: inclusão de um fonema no início da palavra, como por exemplo em *lembrar*, resultando em *alembrar.*

2.3.2 Metaplasmos por supressão

Segundo os mesmos autores, “ocorrem quando suprimimos um fonema de um vocábulo.” (BOTELHO; LEITE, 2005. p. 4). Neste grupo também temos quatro tipos, mas nos interessam apenas três:

1) Aférese: supressão de um fonema ou uma sílaba no início de uma palavra. Como exemplo podemos citar a palavra *espera*, resultando em *péra*.

2) Apócope: supressão de um fonema no final da palavra, como acontece a supressão do /r/ final nos infinitivos verbais, como em *passar*, resultando em *passá*.

3) Síncope: supressão de fonemas no meio da palavra. Como exemplo temos a palavra *bêbado*, resultando em *bebo*.

2.3.3 Metaplasmos por transposição

Consoante Botelho e Leite (2005, p. 5), “os metaplasmos por transposição se dão por deslocamento de posição de fonemas em um vocábulo ou por transposição do acento tônico da palavra.”. Para esta pesquisa, observaremos a presença dos seguintes tipos:

1) Metátese: transposição do fonema em uma mesma sílaba, em uma palavra. Ou seja, quando há a troca de posição de um fonema na sílaba. Exemplo: *entreter*, resultando em *enterter*.

2) Hipértese: troca de posição de um fonema de uma sílaba para outra em uma palavra. Como exemplo podemos citar a palavra *nervoso*, resultando em *nevroso*.

2.3.4 Metaplasmos por transformação

Acontecem “quando um fonema de um vocábulo se transforma, passando a ser outro fonema distinto em lugar do primeiro.” (BOTELHO; LEITE, 2005, p. 6). Segundo os autores, nesta categoria temos:

1) Degeneração: quando o fonema /b/ se transforma em /v/. Exemplo: *travesseiro*, resultando em *trabisseiro*.

2) Desnasalação: é quando um fonema nasal se transforma em um oral. Exemplo: *homem*, resultando em *home*.

3) Dissimilação: “É a transformação de um fonema para diferenciação de um outro semelhante existente no mesmo vocábulo: pílula > pírula;” (BOTELHO; LEITE, 2005, p. 6-7).

4) Rotacismo: quando o fonema /l/ se transforma em /r/. Como exemplo podemos citar a palavra *flamengo*, resultando em *framengo*

5) Lambdacismo: quando o fonema /r/ se transforma em /l/. Exemplo: *freira*, resultando em *flera* .

6) Ditongação: quando a vogal ou hiato se transforma em ditongo, um dos metaplasmos que, acreditamos, mais aparecerão nos textos analisados, visto que é comum acontecer na fala. Exemplo: três, resultando em treis; mês/meis; mas (conjunção) que resulta em mais.

7) Monotongação: quando o ditongo se transforma ou se reduz em uma vogal, outro metaplasmo recorrente na fala, como em peixe, que vira pexe.

8) Metafonia: "É o nome dado à alteração do timbre ou altura de uma vogal: direito > dereito; diferente > deferente;" (BOTELHO; LEITE, 2005, p. 8).

9) Nasalação: é quando um fonema oral se altera se transformando em um fonema nasal. Temos como exemplo a palavra igual, resultando em ingual.

10) Palatização: é quando um ou mais fonemas se alteram, se transformando em uma palatal. Exemplo: Antônio, resultando em Antonho.

11) Sonorização: "É o nome dado à transformação de um fonema surdo, em posição intervocálica, à sua homorgânica sonora: cuspir >guspir; e constipado > gustipado." (BOTELHO; LEITE, 2005, p. 8).

12) Despalatização: é quando fonemas palatais se alteram e se transformam em um fonema nasal ou oral. Como exemplo temos a palavra cabeçalho, resultando em cabeçálio ou cabeçário.

Além dessas transformações mencionadas por Botelho e Leite, a assimilação é um dos metaplasmos que também nos interessa. De acordo com Cardoso (2009), a "assimilação consiste em tornar um fonema semelhante a outro. Essa modificação pode ser parcial, fazendo com que o fonema apenas se aproxime do outro, ou total quando faz com que o fonema se transforma totalmente nele." (CARDOSO, 2009, p. 46). Segundo a autora, podemos perceber esse metaplasmo na palavra "costura" que resulta em "kustura".

É importante mencionar que, de acordo com Botelho e Leite (2005) alguns metaplasmos surgidos a partir do texto oral já se encontram registrados no dicionário de Língua Portuguesa. Já outros aparecem somente como particularidade da oralidade.

Tendo explanado sobre nosso aporte, a seguir, são expostos os procedimentos metodológicos que resultaram nas análises que aqui apresentamos.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho analisa a influência da fala na escrita dos alunos, por meio de uma pesquisa qualitativa, inserida na Linguística Aplicada, visto que o nosso foco não é quantificar dados, mas, sim, como menciona Malhotra (2006, *apud* CHAER, DINIZ; RIBEIRO, 2011, p. 257), perceber e compreender o contexto do problema. Além disso, como observa Bortoni-Ricardo (2008), as salas de aula são ambientes privilegiados para a condução deste tipo de pesquisa que busca "entender, interpretar fenômenos sociais inseridos em um contexto" (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 34).

Nosso principal objetivo é analisar textos escritos, averiguando de que modo a fala interfere nessas produções. Buscamos perceber quais os principais traços de fala que são aparentes nos textos dos alunos, entender os motivos que levam o fato a ocorrer com frequência, assim como refletir sobre como nós, professores/futuros professores de Língua Portuguesa, podemos interferir para que os alunos consigam utilizar uma ou outra modalidade da língua de forma adequada a cada contexto.

A coleta de dados foi realizada em uma escola de ensino fundamental, localizada na Zona Rural do município de Arapiraca-AL, com alunos cuja faixa etária varia entre 11 e 14 anos. Para que nossas análises pudessem acontecer de maneira satisfatória, coletamos o total de dez produções textuais no 6º ano e dez produções textuais no 9º ano do ensino fundamental. A escolha se deu de forma aleatória entre as produções totais das turmas.

Partindo da orientação da BNCC (2018), de considerar a centralidade do texto nas práticas pedagógicas, optamos por trabalhar com o gênero textual relato pessoal e, a partir dele, analisar as marcas da fala na escrita dos alunos.

Antes de solicitarmos aos alunos que produzissem tais textos, oportunizamos a familiarização com as características do gênero proposto. Foram apresentados os elementos básicos – tema, estilo e forma composicional – do relato pessoal de forma detalhada, com a apresentação de exemplos.

Escolhemos analisar os textos do primeiro e do último ano do ensino fundamental para ter percepção da interferência da fala na escrita e também entender se, comparando o início e o fim dos anos finais do ensino fundamental, há diminuição dessa interferência, o que seria esperado, levando em consideração a ampliação do conhecimento escolar. Ou seja, nossa hipótese é a de que haverá diminuição da influência nos textos produzidos no 9º ano.

Para entender isso, usamos como categoria de análise, inicialmente, as marcas de formalidade e informalidade dos textos, observando de que modo marcas explícitas da fala

surgem nos textos escritos dos alunos, sobretudo quanto à recorrência de metaplasmos. Observamos se implicitudes, repetições, hesitações, anacolutos, elipses, contingências, que são, segundo Bortoni-Ricardo, Godim e Benício (2010), elementos do texto falado, estão presentes nestes textos, além de observarmos a presença e a constância dos marcadores conversacionais. Como é fator importante para a coerência, analisamos se a coesão apresentada no texto escrito tem influência dos processos coesivos característicos da oralidade.

As análises são apresentadas na próxima seção.

4 ANÁLISES E DISCUSSÕES

Apresentamos as análises das produções, 10 de cada turma, como mencionado, trazendo à luz, inicialmente, os resultados das produções do 6º ano do Ensino Fundamental.

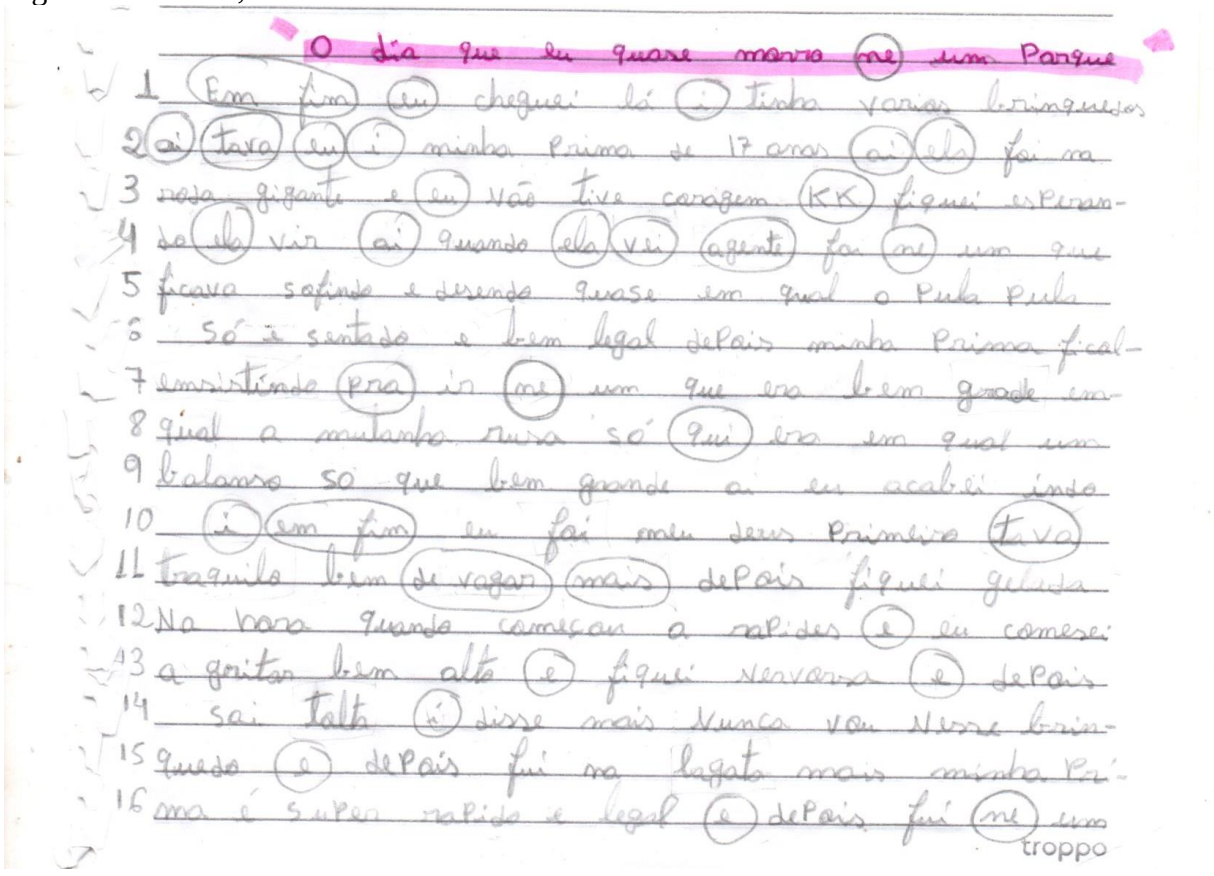
4.1 Produções textuais 6º ano

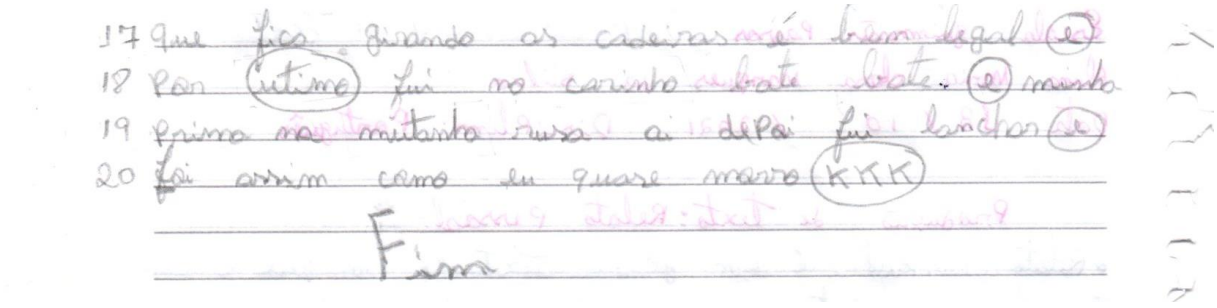
Como mencionado, usamos os metaplasmos como categoria de análise para destacar a presença da informalidade nos textos produzidos por nossos colaboradores, destacando, no entanto, alguns outros pontos que julgamos pertinentes em relação à influência da fala em seus textos escritos.

O gênero textual solicitado aos alunos foi relato pessoal, como já mencionamos, o qual tem como tipologia predominante a narração, fato que acreditamos ter influência na recorrência de marcas de oralidade em todos os textos analisados nesta turma, como detalhamos a seguir.

4.1.1 Texto 1, 6º ano

Figura 1 - Texto 1, 6º ano





Fonte: Dados da pesquisa (2021)

Percebemos, no texto 1, metaplasmos, que, de acordo com Botelho e Leite (2005) são característicos principalmente na fala, como a metátese que aparece no título, “O dia que eu quase morro **ne** um parque” no corpo do texto, como em “[...] agente foi **ne** um que ficava sofindo e desendo [...]” (linhas 4-5); “[...] depois minha prima ficol emsistindo pra ir **ne** um que era bem grade [...]” (linhas 6-7); “[...] depois fui **ne** um que fica girando as cadeiras [...]” (linhas 16-17). Em todos, percebemos a transposição entre fonemas, numa ocorrência muito comum na fala popular, que é a substituição da preposição “em” pelo termo "ne".

O metaplasmo aférese está presente em “[...] ai **tava** eu i minha prima de 17 anos [...]” (linha 2) e em “[...] primeiro **tava** traquilo [...]” (linhas 10-11). Nos dois casos notamos a supressão do fonema inicial “es”. Além disso, no primeiro caso temos um problema de concordância verbal que, embora não seja o foco das nossas análises, é importante mencionar, pois é uma marca da variedade popular do português que comumente aparece na escrita.

Mais um metaplasmo presente neste texto é o apócope em “[...] quando ela **vei** agente foi ne um que ficava sofindo e desendo [...]” (linhas 4-5), em que há supressão do fonema final /o/. A síncope, notamos nas linhas 6 e 7: “[...] depois minha prima ficol emsistindo **pra** ir ne um que era bem grade [...]”; e 18: “[...] por **utimo** fui no carinho bate bate [...]”, em que há supressão de um fonema no meio da palavra, no primeiro caso do fonema /a/, no segundo do fonema /l/.

Temos um caso de ditongação em “[...] primeiro tava traquilo bem de vagar **mais** depois fiquei gelada [...]” (linhas 10-11), em que na palavra em destaque a vogal “a” se transforma no ditongo “ai”.

Além dos processos fonológicos, percebemos que a organização prosódica é comprometida nos textos dos alunos, pois há junção não convencional de constituintes, como hiper e hipossegmentação, ou seja, a segmentação indevida das palavras, como conceitua Silva (1994). No exemplo “[...] **agente** foi ne um que ficava sofindo e desendo [...]” (linhas 4-5), vemos hipossegmentação, pois há a junção dos termos “a” e “gente”, formando apenas uma

palavra. Já nas construções “[...] primeiro tava traquilo bem **de vagar** mais depois fiquei gelada [...]” (linhas 10-11); “**Em fim** eu cheguei lá i tinha vários brinquedos [...]” (linha 1); e em “[...] ai eu acabei indo i **em fim** eu foi [...]” (linhas 9-10), temos casos de hipersegmentação, pois há a separação dos termos “de” e “vagar” no primeiro caso, e dos termos “Em” e “fim” no segundo caso e terceiro casos, formando duas palavras, quando deveriam ser palavras únicas.

Além disso, temos também como influência da fala o alçamento das vogais baixas, comum em algumas variedades do português do Brasil como vemos em “Em fim eu cheguei lá **i** tinha vários brinquedos [...]” (linha 1); “[...] tava eu **i** minha prima de 17 anos [...]” (linha 2); “[...] só **qui** era em gual um balanso [...]” (linha 8-9); “[...] ai eu acabei indo **i** em fim eu foi [...]” (linhas 9-10); “[...] Sai tolta **i** disse mais nunca vou nesse brinquedo [...]” (linhas 14-15).

Como recursos comumente usados na fala, encontramos o uso frequente do marcador conversacional “aí”, o que, de acordo com Fávero, Andrade e Aquino (2012), é comum para encadear o texto falado:

“[...] **ai** tava eu i minha prima **ai** ela foi na roda gigante [...]” (linha 2-3);

“**ai** quando ela vei agente foi ne um que ficava sofindo e desendo[...]” (linha 4-5);

Fávero, Andrade e Aquino (2012) destacam que o riso se constitui como um marcador conversacional não linguístico e típico da língua falada. Esse marcador, no entanto, costuma ser representado graficamente, por meio de letras que imitam os sons do ato de rir. O texto analisado apresenta essa marca, por meio de um recurso utilizado, principalmente, na escrita cibernética: o “kkkk’, como vemos em: “[...] eu não tive coragem **kk** [...]” (linha 3); “[...] foi assim como eu quase morro kkk” (linha 20).

O conectivo “e”, que, de acordo com Fávero, Andrade e Aquino (2012) faz parte da coesão sequencial, aparece no texto 1 repetidamente, trazendo uma marca comum da oralidade, em que repetimos os conectivos para trazer continuidade ao texto:

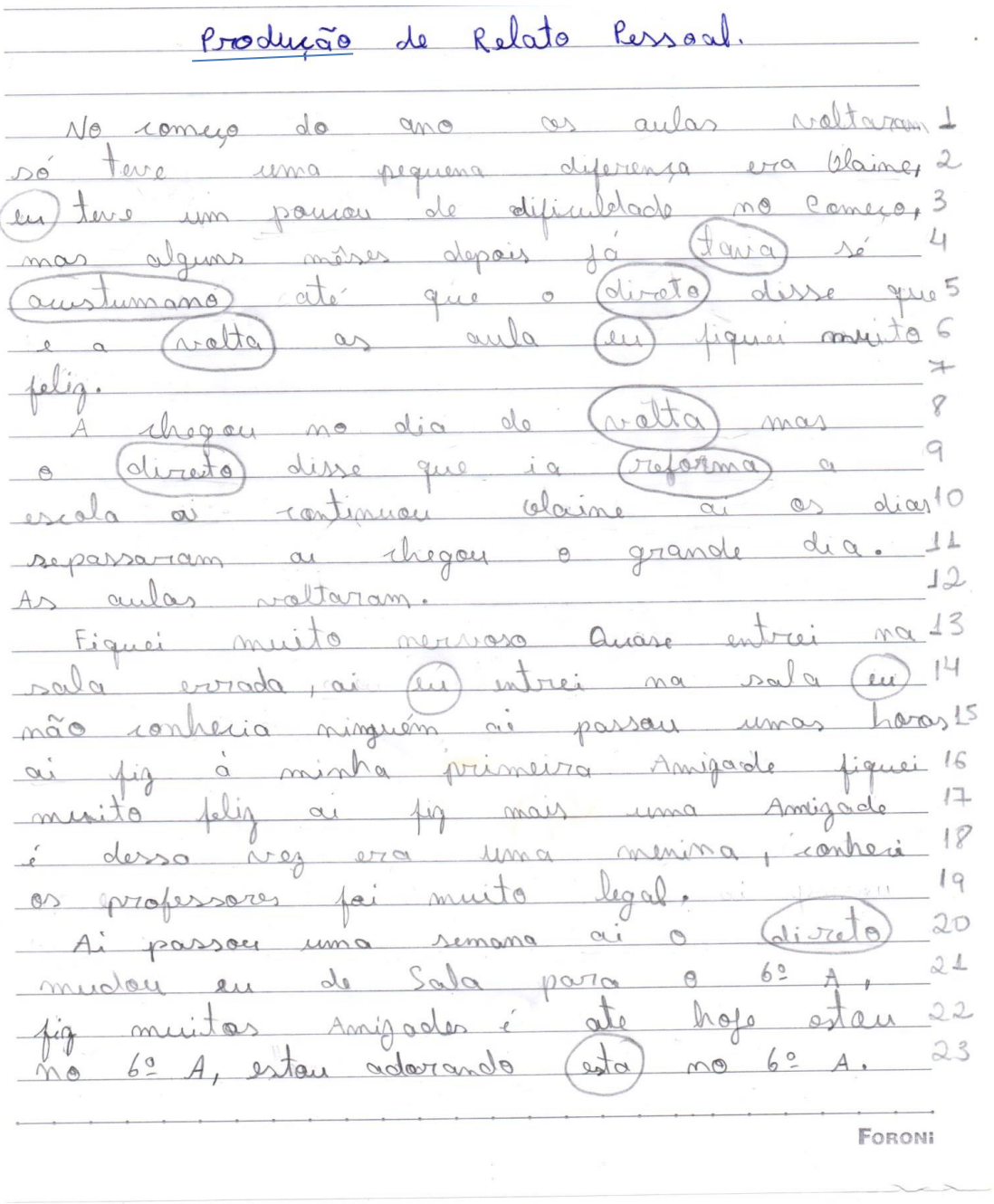
“[...] na hora quando começou a rapides **e** eu comesei a gritar bem alto **e** fiquei nervosa **e** depois Sai tolta **i** disse mais nunca vou Nesse brinquedo **e** depois fui na lagata mais minha Prima é super rapido e legal **e** depois fui ne um que fica girando as cadeiras é bem legal **e** por utimo fui no carinho bate bate **e** minha prima na mutanha rusa ai depoi fui lanchar **e** foi assim como eu quase morro kkk”. (linha 12-20).

Apesar de não haver aprofundamentos teórico em relação ao uso dos pronomes pessoais, é possível perceber o uso repetitivo desses pronomes no texto do aluno, que é algo característico da fala, como menciona Grunner (1967,*apud* Fávero, Andrade e Aquino, 2012, p. 75). Este fenômeno acontece em “Em fim **eu** cheguei lá i tinha varios brinquedos ai tava **eu** i minha prima de 17 anos ai **ela** foi na roda gigante e **eu** não tive coragem kk fiquei esperando **ela** vir ai quando

ela vei agente foi ne um que ficava sofindo e desendo [...]" (linhas 1-5), em que há repetição dos pronomes pessoais "eu" e "ela".

4.1.2 Texto 2, 6º ano

Figura 2 - Texto 2, 6º ano



Produção de Relato Pessoal.

No começo do ano as aulas voltaram só tive uma pequena diferença era Elaine, eu tive um pouco de dificuldade no começo, mas alguns mêses depois já tava só acustumano até que o direto disse que e a volta as aula eu fiquei muito feliz.

A chegou no dia de volta mas o direto disse que ia reforma a escola ai continuou Elaine ai os dias se passaram ai chegou o grande dia. As aulas voltaram.

Fiquei muito nervoso quase entrei na sala errada, ai eu intrei na sala eu não conhecia ninguém ai passou umas horas ai fiz à minha primeira Amigade fiquei muito feliz ai fiz mais uma Amigade é dessa vez era uma menina, conheci os professores foi muito legal.

Ai passou uma semana ai o direto mudou eu de Sala para o 6º A, fiz muitas Amigades é até hoje estou no 6º A, estou adorando esta no 6º A.

FORONI

Fonte: Dados da pesquisa (2021)

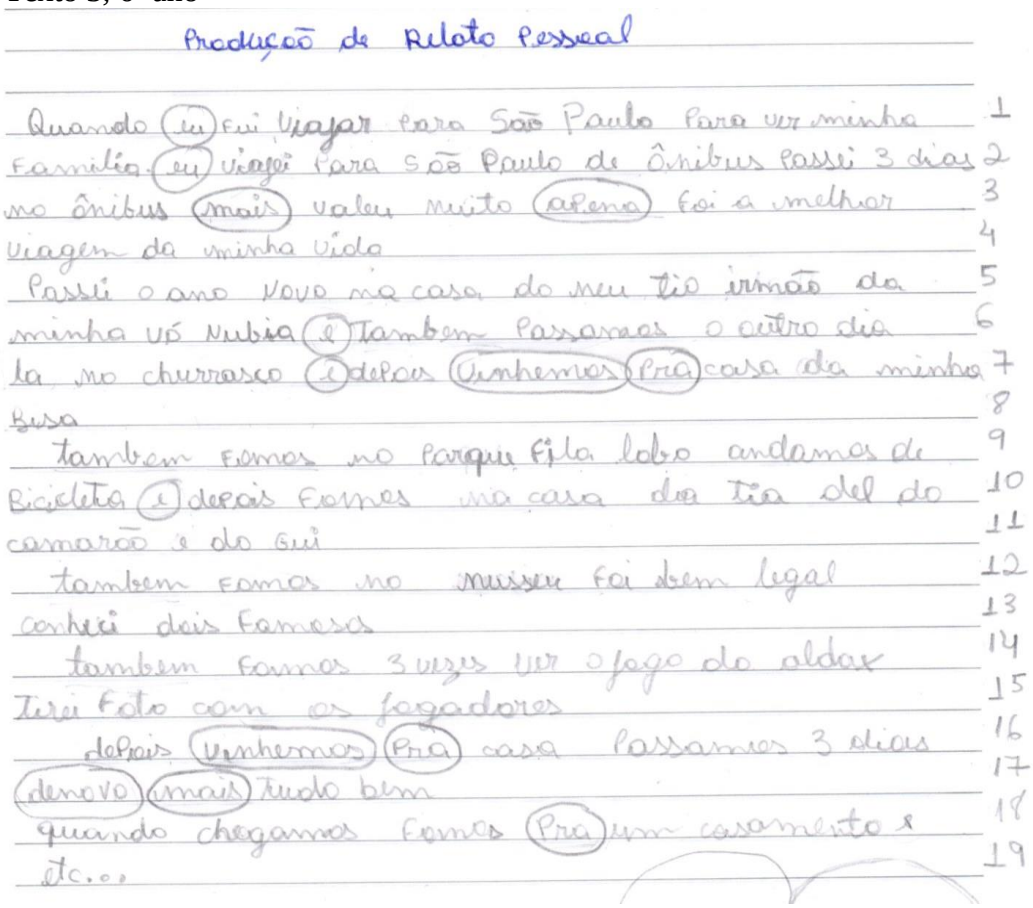
No texto 2, percebemos a presença do metaplasmo aférese em “[...] já **tava** sé acostumano [...]” (linha 4-5), em que há a supressão da sílaba inicial “es”. Outro metaplasmo presente neste texto é apócope em “[...] até que o **direto** disse que e a **volta** as aula [...]” (linha 5-6); “[...] chegou no dia de **volta** mas o **direto** disse que ia **reforma** a escola [...]” (linhas 8-10); “[...] o **direto** mudou eu de sala [...]” (linhas 20-21); “[...] estou adorando **esta** no 6º A.” (linha 23). Em todos os casos percebemos a supressão do fonema final /r/.

Temos um caso de assimilação em “[...] já tava sé **acostumano** [...]” (linha 4-5). Neste caso o “d” do gerúndio não é pronunciado.

Aqui também reparamos a presença da repetição dos pronomes pessoais, característicos da língua falada como vemos nas linhas 3 à 7 “[...] **eu** teve um poucou de dificuldade no começo, mas alguns meses depois já tava sé acustumano até que o direto disse que e a volta as aulas **eu** fiquei muito feliz” e 14 à 15 “[...] ai **eu** entrei na sala **eu** não conhecia ninguém [...]”, em que há a repetição do pronome pessoal “eu”.

4.1.3 Texto 3, 6º ano

Figura 3 - Texto 3, 6º ano


Produção de Relato Pessoal

Quando (eu) Fui Viajar para São Paulo para ver minha 1
Família (eu) viagei para São Paulo de Ônibus passei 3 dias 2
no ônibus (mais) valeu muito (apena) foi a melhor 3
viagem da minha vida 4
Passei o ano novo na casa do meu tio irmão da 5
minha vó Nubia (e) Tambem passamos o outro dia 6
la no churrasco (e) depois (Vinhemos) (Pra) casa da minha 7
8
Busa
tambem Fomos no Parque Fila lobo andamos de 9
Bicicleta (e) depois Fomos na casa da tia del do 10
camarão e do Gui 11
tambem Fomos no museu Foi bem legal 12
conheci dois Famosos 13
tambem Fomos 3 vezes ver o jogo do aldair 14
Tirei Foto com os jogadores 15
depois (Vinhemos) (Pra) casa passamos 3 dias 16
(denovo) (mais) tudo bem 17
quando chegamos Fomos (Pra) um casamento e 18
etc... 19

Fonte: Dados da pesquisa (2021)

No texto 3, temos a presença do metaplasmo ditongação nas linhas 2 à 3 “[...] Passei 3 dias no ônibus **mais** valeu Muito apena [...]”, e nas linhas 16 à 17 “[...] Passamos 3 dias denovo **mais** tudo bem”, em que percebemos a transformação da vogal “a” no ditongo “ai”. Temos também síncope em “[...] e depois vinhemos **pra** cada da minha Bisa.” (linhas 7-8); “depois vinhemos **pra** casa [...]” (linha 16); “quando chegamos fomos **pra** um casamento [...]” (linha 18) em que há a supressão do fonema /a/ no meio da palavra.

Temos palatização em “[...] e depois **vinhemos** pra casa da minha Bisa (linhas 7-8); “[...] depois **vinhemos** pra casa [...]” (linha 16). Nas palavras em destaque temos o fonema oral /e/ se transformando na palatal /nh/.

Notamos casos de hipossegmentação em “[...] valeu muito **apena** [...]” (linha 3); “[...] depois vinhemos **pra** casa da minha bisa” (linhas 7-8); “[...] Passamos 3 dias **denovo** [...] (linhas 16-17); em que há a junção dos termos “a” e “pena” no primeiro caso, de “para a”= pra a = pra, no terceiro caso, e de “de” e “novo” no terceiro caso, formando apenas uma palavra.

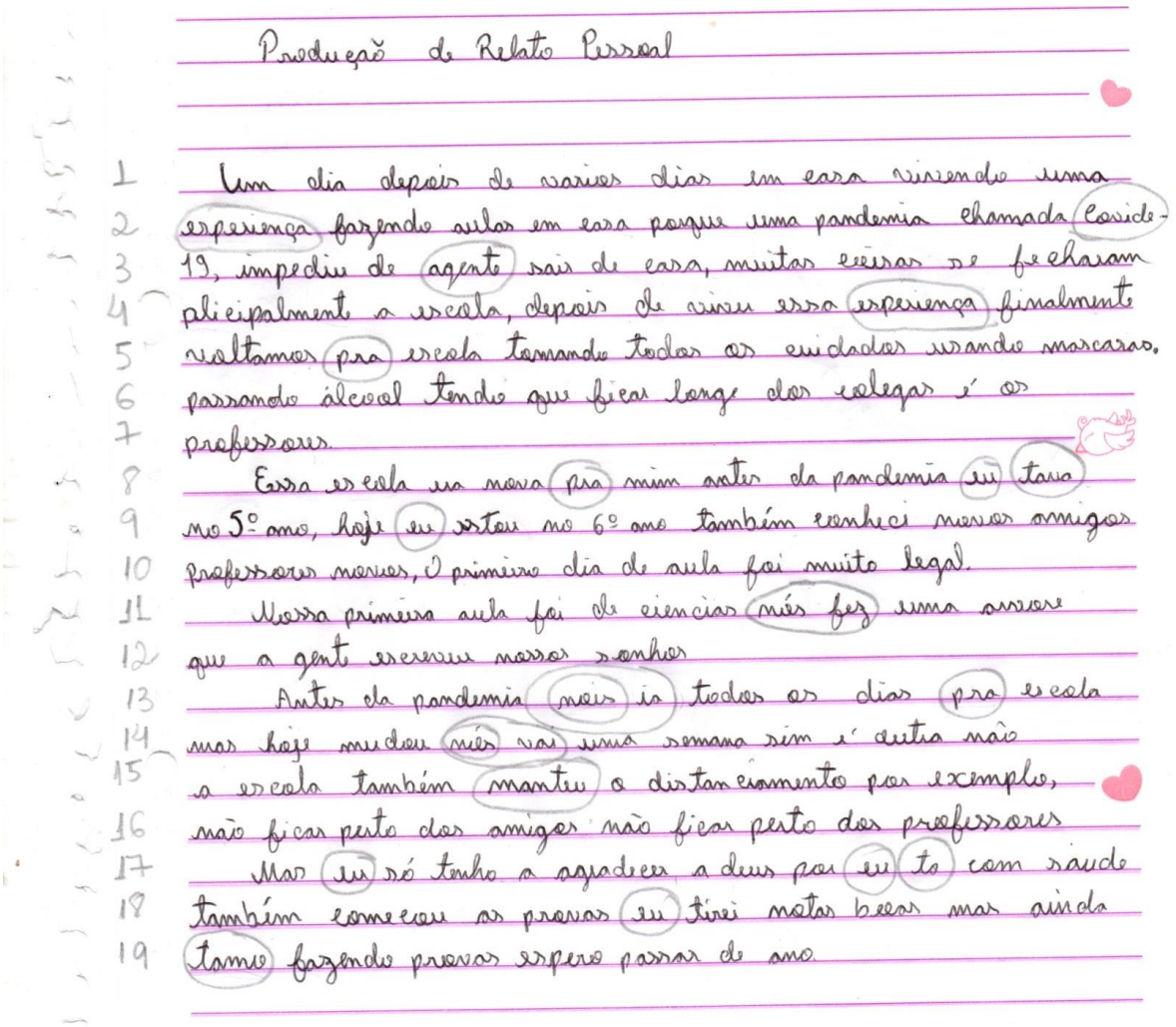
Como apontam Fávero, Andrade e Aquino (2012), o conectivo “e” faz parte da coesão sequencial. Neste texto, ele aparece algumas vezes, mostrando-se, um fator comum na oralidade. Vejamos:

“Passei o ano Novo na casa do meu tio irmão da minha vó Nubia **e** também passamos o outro dia la no churrasco **e** depois vinhemos pra casa da minha bisa. Também fomos no parque Fila lobo andamos de Bicicleta **e** depois Fomos na casa da tia del do camarão. (linhas 5-11).

A repetição de pronomes pessoais frequente na fala é perceptível no texto 3 em “Quando **eu** fui viajar para São Paulo para ver minha familia **eu** viajei para São Paulo de ônibus [...]” (linhas 1-2).

4.1.4 Texto 4, 6º ano

Figura 4 – Texto 4, 6º ano



Produção de Relato Pessoal

Um dia depois de varios dias em casa vivendo uma esperiença fazendo aulas em casa porque uma pandemia chamada Covide-19, impediu de agente sair de casa, muitas escolas se fecharam principalmente a escola, depois de viver essa esperiença finalmente voltamos pra escola tomando todos os cuidados usando mascaras, passando álcool tendo que ficar longe dos colegas e os professores.

Essa escola era nova pra mim antes da pandemia eu tava no 5º ano, hoje eu estou no 6º ano também conheci meus amigos professores novos, o primeiro dia de aula foi muito legal.

Nossa primeira aula foi de ciencias más fez uma oração que a gente escreveu nossos sonhos.

Antes da pandemia nois ia todos os dias pra escola mas hoje mudou nóis vai uma semana sim e outra não a escola também manteu o distanciamento por exemplo, não ficar perto dos amigos não ficar perto dos professores.

Mas eu só tenho a agradecer a deus por eu ta com saúde também começou as provas eu tirei notas boas mas ainda tamo fazendo provas espero passar de ano.

Fonte: Dados da pesquisa (2021)

Notamos, no texto 4, o metaplasmo síncope em “Um dia depois de 33aúde33 dias em casa vivendo uma **esperiença** fazendo aulas em casa [...] (linhas 1-2); “[...] depois de viver essa **esperiença** finalmente voltamos **pra** escola [...]” (linhas 4-5); “Essa escola era nova **pra** mim [...]” (linha 8). “Antes da pandemia nois ia todos os dias **pra** escola [...]” (linha 13). Em todos os casos há a supressão de um fonema no meio da palavra. No primeiro e segundo casos, há supressão do fonema /i/. Já no terceiro, quarto e quinto casos, há a supressão de /a/. Temos o metaplasmo aférese em “[...] antes da pandemia eu **tava** no 5º ano [...]” (linhas 8-9), no qual há supressão da sílaba “es” no início da palavra.

Nas construções “Mas eu só tenho a agradecer a deus por eu **ta** com 33aúde [...]” (linha 17) e “[...] mas ainda **tamo** fazendo provas [...]” (linha 18-19) há aférese e apócope ao mesmo tempo, nos termos em destaque. Percebemos que, nos dois casos há a supressão de uma sílaba inicial e de um fonema final. No primeiro caso, há supressão da sílaba “es” inicial e do fonema

/r/ final. No segundo, há supressão da sílaba “es” inicial e do fonema /s/ final. Também notamos neste texto um caso de problema de concordância verbal em “[...] mas ainda **tamo** fazendo provas [...]” (linha 18-19).

Nas linhas 2 à 3 percebemos a presença do metaplasmo paragoge ou epítese em “[...] porque uma pandemia chamada **covide** 19, impediu de agente sair de casa [...]”, em que há o aumento do fonema /e/ final. Já na linha 13 percebemos um caso de ditongação em “Antes da pandemia **nois** ia todos os dias pra escola [...]” (linha 13), em que, na palavra em destaque, a vogal “o” se transformando no ditongo “oi”.

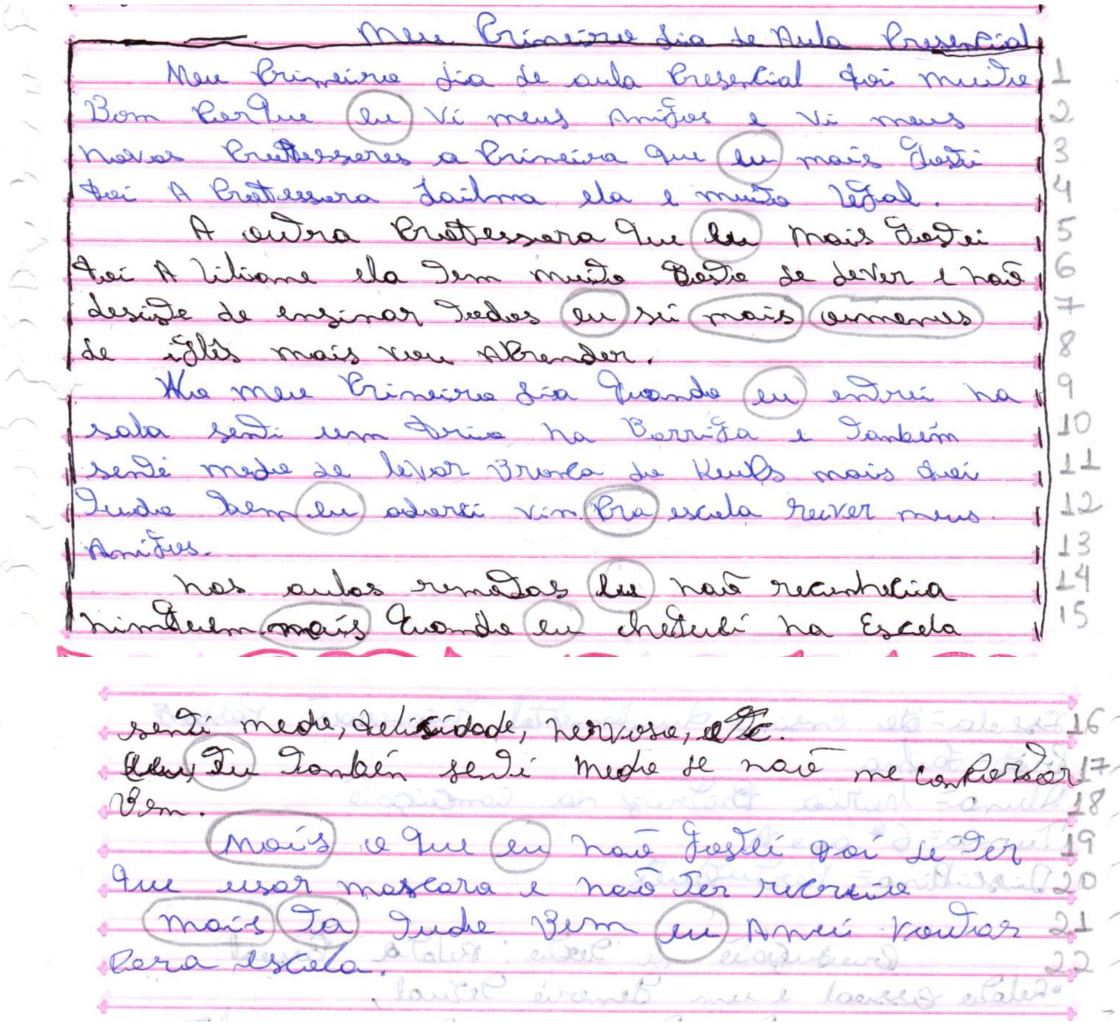
Nas linhas 11, 13, 14 e 15 temos mais alguns casos de problemas de concordância verbal influenciados pela fala, em “[...] **nós fez** uma árvore que a gente escreveu nossos sonhos”; “Antes da pandemia **nois ia** todos os dias pra escola mas hoje mudou **nós vai** uma semana sim e outra não a escola também **manteu** o distanciamento por exemplo [...]”;

A hipossegmentação acontece em “[...] porque uma pandemia chamada covide 19, impediu de **agente** sair de casa [...]” (linhas 2-3); “[...] depois de viver essa esperiença finalmente voltamos **pra** escola tomando todos os cuidados [...]” (linhas 4-5); “Antes da pandemia nois ia todos os dias **pra** escola [...]” (linha 13). No primeiro caso, os termos “a” e “gente” se juntam. Nos segundo e terceiro casos temos o “para a” se transformando em “pra a” que resulta em “pra”.

A repetição de pronomes pessoais, que é uma das características da fala, aparece nitidamente em “Essa escola era nova pra mim antes da pandemia **eu** tava no 5º ano, hoje **eu** estou no 6º ano também conheci novos amigos professores novos, o primeiro dia de aula foi muito legal. Nossa primeira aula foi de ciências nós fez uma árvore que a gente escreveu nossos sonhos. “Antes da pandemia **nois** ia todos os dias pra escola mas hoje mudou **nós** vai uma semana sim é outra não [...]” (linhas 8-14); “Mas **eu** só tenho a agradecer a deus por **eu** ta com saúde também começou as provas **eu** tirei notas boas [...]” (linhas 17-18). Nestas construções há a repetição dos pronomes pessoais “eu” e “nós”.

4.1.5 Texto 5, 6º ano

Figura 5 - Texto 5, 6º ano


Meu Primeiro Dia de Aula Presencial
Meu Primeiro dia de aula Presencial foi muito
Bom Porque eu Vi meus Amigos e Vi meus
novos Professores a Primeira que eu mais Gostei
foi A Professora Laidma ela e muito legal.
A outra Professora que eu mais Gostei
foi A liliane ela Tem muito Poder de dever e não
desiste de ensinar Todos eu sei mais oumenos
de iglês mais vou Aprender.
No meu Primeiro dia quando eu entrei na
sala senti um frio na Barriga e Tanbém
senti medo de levar bronca do Keulos mais quei
Tudo bem eu adorei vir Pra escola reiver meus
Amigos.
nos aulas remotas eu não reconhecia
ninguem mais quando eu cheguei na Escola
senti medo, delicadade, nervose, etc.
Eu Tanbén senti medo de não me conportar
Bem.
Mais o que eu não Gostei foi de Ter
que usar mascara e não Ter recreio
mais Ta Tudo Bem eu Amei voltar
Pera escola.

Fonte: Dados da pesquisa (2021)

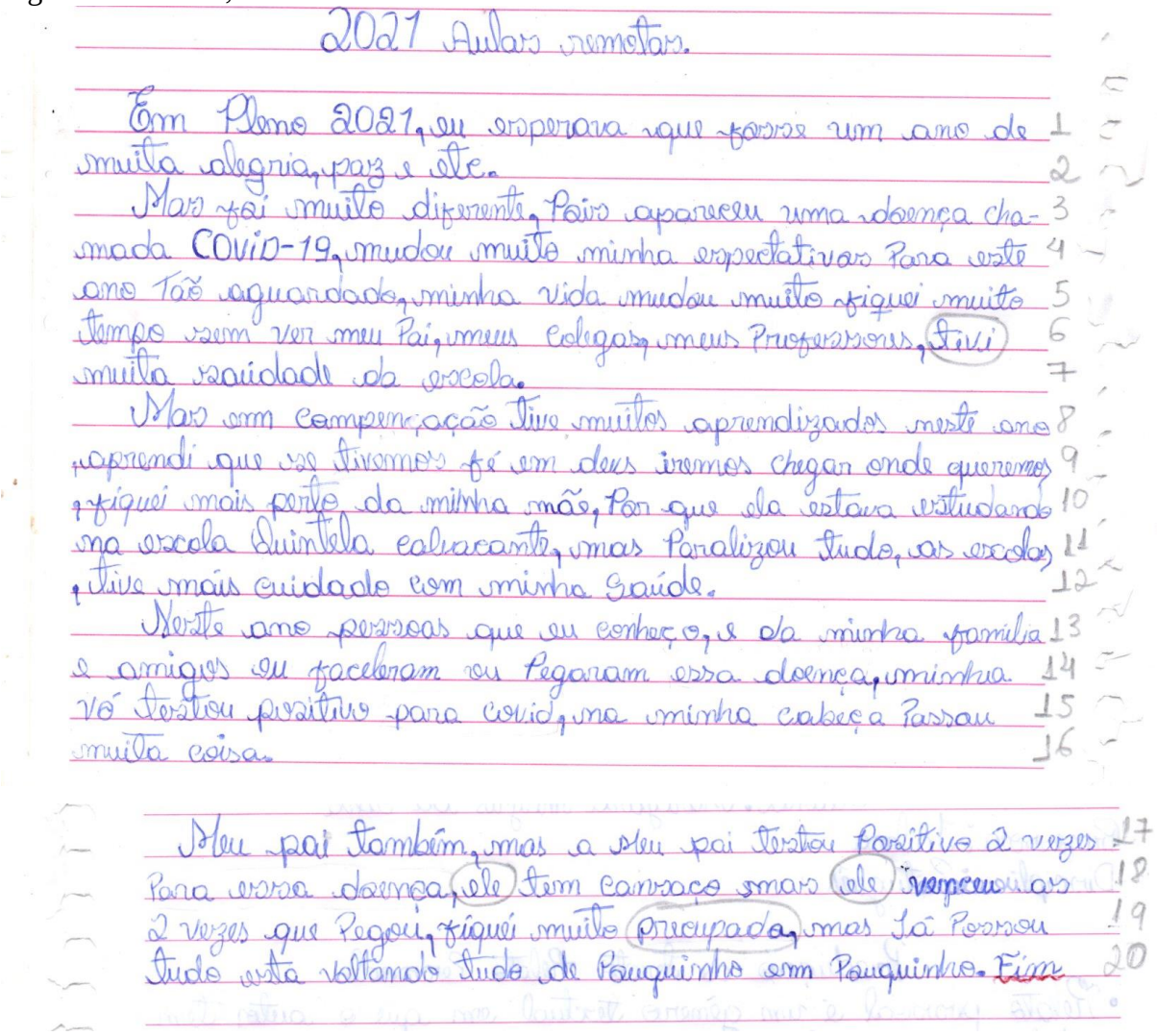
No texto 5 percebemos a presença do metaplasmo ditongação, como na linha 7 à 8 em "[...] eu sei mais oumenos de iglês **mais** vou aprender"; 15 à 16 em "[...] **mais** quando eu cheguei na escola senti medo [...]"; 19 à 20, em "**Mais** o que eu não gostei foi de ter que usar mascara [...]"; e nas linha 21, em "[...] **mais** ta tudo bem [...]". Mais uma vez, a conjunção "mas" sofre ditongação, fator comum na oralidade. Outro metaplasmo presente é o aférese em "[...] mais **ta** tudo bem [...]" (linha 21), em que na palavra em destaque há supressão da sílaba inicial "es".

Temos hipossegmentação na seguinte frase "[...] eu sei mais **oumenos** de iglês mais vou aprender" (linhas 7-8) e em "[...] eu adorei vir **pra** escola reiver meus amigos [...]" (linhas 12-13), em que os termos "ou" e "menos" se juntam formando apenas um vocábulo, no primeiro caso, e os termos "para a" se transforma em "pra a", resultando em "pra", no segundo caso.

Aqui também temos a presença de repetição de pronomes pessoais em “Meu primeiro dia de aula presencial foi muito bom porque **eu** vi meus amigos e vi meus novos professores a primeira que **eu** mais gostei foi a professora Jailma ela e muito legal [...]” (linhas 1-4). “A outra professora que **eu** mais gostei foi a Liliane ela tem muito gosto de dever e não desiste de ensinar todos **eu** sei mais oumenus iglês [...]” (linhas 5-8). “[...] quando **eu** entrei na sala senti um frio na barriga e também senti medo de levar bronca do Keups mais foi tudo bem **eu** adorei vir pra escola reiver meus amigos” (linhas 9-13). “Nas aulas remotas **eu** não conhecia ninguem mas quando **eu** cheguei na escola senti medo, felicidade, nervoso, etc. **Eu** também senti medo de não me comportar bem. Mais o que **eu** não gostei foi de ter que usar mascara e não ter recreio. Mais ta tudo bem **eu** amei voutar para escola [...]” (linhas 14-22).

4.1.6 Texto 6, 6º ano

Figura 6 - Texto 6, 6º ano



2021 Aulas remotas.

Em Pleno 2021, eu esperava que fosse um ano de muita alegria, paz e ete.
Mas foi muito diferente, Pois apareceu uma doença chamada COVID-19, mudou muito minha espectativas Para este ano Tão aguardado, minha vida mudou muito fiquei muito tempo sem ver meu Pai, meus Colegas, meus Professores, tivi muita saudade da escola.
Mas em Compensação Tive muitos aprendizados neste ano aprendi que se tivermos fé em deus iremos chegar onde queremos fiquei mais perto da minha mãe, Por que ela estava estudando na escola Quintela caluacante, mas Paralizou tudo, as escolas tive mais cuidado com minha Saúde.
Neste ano pessoas que eu conheço, e da minha familia e amigos eu faceboam ou Pegaram essa doença, minha Vó Testou positivo para Covid, na minha cabeça Passou muita coisa.

Meu pai tambem, mas a meu pai Testou Positivo 2 vezes Para essa doença, ele tem Cansaço mas ele venceu as 2 vezes que Pegou, fiquei muito preocupada, mas Já Passou tudo esta voltando tudo de Pouquinho em Pouquinho. Fim

Fonte: Dados da pesquisa (2021)

No texto 6 podemos destacar a presença de síncope como em “[...] fiquei muito **precupada** [...]” (linha 19), que se mostra como um interessante caso, bastante comum no português rurbano, quando em pontos mais próximos do rural.

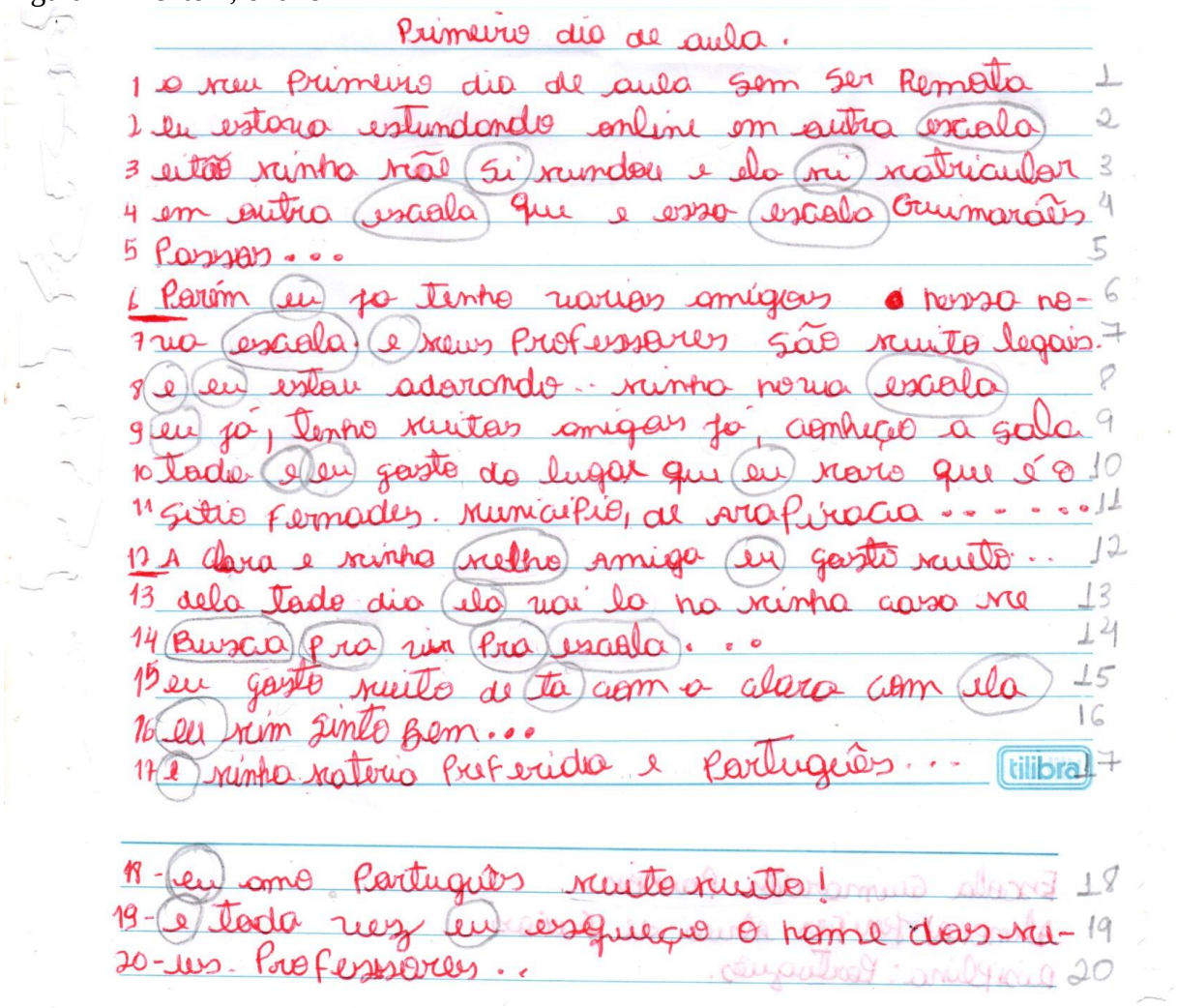
Aqui também está presente o uso do “i” substituindo o “e”, nos mostrando a influência da fala, trazendo o alçamento das vogais baixas, que, como já vimos, são comuns na maioria das variedades linguísticas do português do Brasil. Vejamos:

“[...] **tivi** muita saúdade da escola.” (linhas 6-7).

Outro fator interessante que encontramos foi a repetição de pronome pessoal, como podemos perceber em “[...] **ele** tem cansaço mas **ele** venceu as duas vezes que pegou [...]” (linhas 18-19).

4.1.7 Texto 7, 6º ano

Figura 7 - Texto 7, 6º ano


Primeiro dia de aula.

1 o meu Primeiro dia de aula sem ser Remoto
2 eu estava estudando online em outra escola
3 então minha mãe Si mundou e ela mi matricular
4 em outra escola que e essa escola Guimarães
5 Passou...
6 Porém eu já tenho varias amigas e nesse no-
7 va escola e meus Professores são muito legais.
8 e eu estou adorando.. minha nova escola
9 eu já, tenho muitas amigas já, conheço a sala
10 toda e eu gosto do lugar que eu moro que é o
11 Sitio Fernades. municipio, de araPiraca.....
12 A Clara e minha melho amiga eu gosto muito..
13 dela todo dia ela vai la na minha casa me
14 Busca pra nos Pra escola...
15 eu gosto muito de ta com a clara com ela
16 eu sim sinto Bem...
17 e minha materia Preferida e Portugues..
18 - eu amo Portugues muito muito!
19 - e toda vez eu esqueço o nome dos ve-
20 - us. Professores..

Fonte: Dados da pesquisa (2021)

Percebemos, neste texto, a presença de alguns metaplasmos como o apócope em “[...] A Clara e minha **melho** amiga eu gosto muito dela todo dia ela vai la na minha casa me **busca** [...]” (linhas 12-14), em que há, nas palavras em destaque, a supressão do fonema final /r/. Notamos também a presença de síncope em “[...] **pra** vir **pra** escola [...]” (linha 14), em que também há supressão, porém, agora, acontece no meio da palavra (supressão do fonema /a/). Já em “[...] eu gosto muito de **ta** com a clara [...]” (linha 15) a supressão acontece no início (supressão da sílaba inicial “es”) e no final da palavra (supressão do fonema final /r/), fenômenos chamados de aférese e apócope respectivamente.

Em “[...] todo dia ela vai la na minha casa me busca pra vir **pra** escola [...]” (linhas 13-14), notamos a presença da hipossegmentação, em que o “para a”, se transforma em “pra a”, resultando em “pra”.

Neste texto, temos também a presença do “i” substituindo o “e” caracterizando, como já vimos, o alçamento das vogais baixas, comuns em algumas variedades linguísticas do português do Brasil.

“[...] minha mãe **si** mundou e ela **mi** matricular em outra escola [...]” (linha 3-4).

Como já mencionado, de acordo com Fávero, Andrade e Aquino (2012), o conectivo “e” faz parte da coesão sequencial. Neste texto temos a presença deste conectivo, trazendo uma marca da oralidade, dando continuidade ao texto. Vejamos:

“Porém eu já tenho varios amigos nessa nova escola. **e** meus professores são muito legais. **e** eu estou adorando minha nova escola eu já tenho varios amigos já, tenho muitos amigos já, conheço a sala toda **e** eu gosto do lugar que eu moro que é o sitio fernandes município de Arapiraca [...]” (linhas 6-11);

“[...] **e** minha materia preferida e português ... eu amo português muito muito! **e** toda vez eu esqueço o nome dos meus professores” (linhas 17-20).

O termo “escola” aparece várias vezes neste texto, ou seja, de acordo com Bortoni-Ricardo, Godim e Benício (2010) há repetições, marcas da oralidade, que expressam o planejamento quase simultâneo, comum à fala. Fávero, Andrade e Aquino (2012) nomeiam esse fenômeno como coesão referencial, facilmente percebida no texto falado. Vejamos:

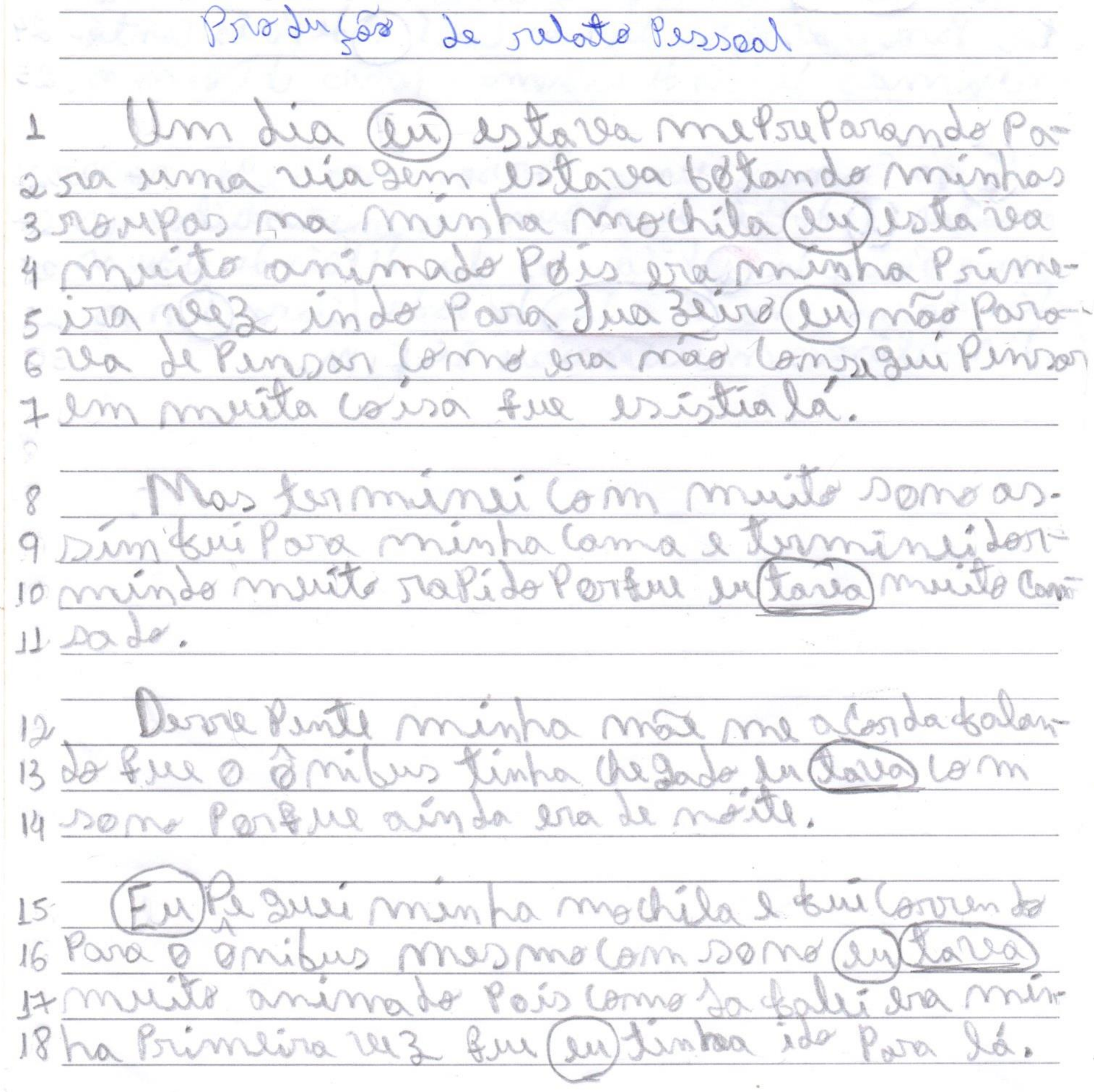
“o meu primeiro dia de aula sem ser remota eu estava estundando online em outra **escola** eitão minha mãe si mundou e ela mi matricular em outra **escola** que e essa **escola** Guimarães Passos... Porém eu já tenho varios amigos nessa nova **escola** e meus professores são muito legais e eu estou adorando minha nova **escola** eu já, tenho muitos amigos já, conheço a sala toda e eu gosto do lugar que eu moro que é o sitio Fernandes municipio de Arapiraca... A clara e minha melho

amiga eu gosto muito dela todo dia ela vai la na minha cada me busca pra vir pra **escola**... (linhas 1-14)

Além de tudo já comentado, temos também a repetição do pronome pessoal “eu” em “Porém **eu** ja tenho varios amigos nessa nova escola e meus professores são muito legais e **eu** estou adorando minha nova escola **eu** já, tenho muitos amigos já, conheço a sala toda e **eu** gosto do lugar que **eu** moro que é o sitio Fernades município de Arapiraca... A Clara e minha melho amiga **eu** gosto muito dela todo dia **ela** vai la na minha casa me busca pra vir pra escola... **eu** gosto muito de ta com a Clara com **ela eu** mim sinto bem... e minha materia preferida e português...**eu** amo português muito muito! e toda vez **eu** esqueço o nome dos meus professores.. (linhas 6-20).

4.1.8 Texto 8, 6º ano

Figura 8 - Texto 8, 6º ano



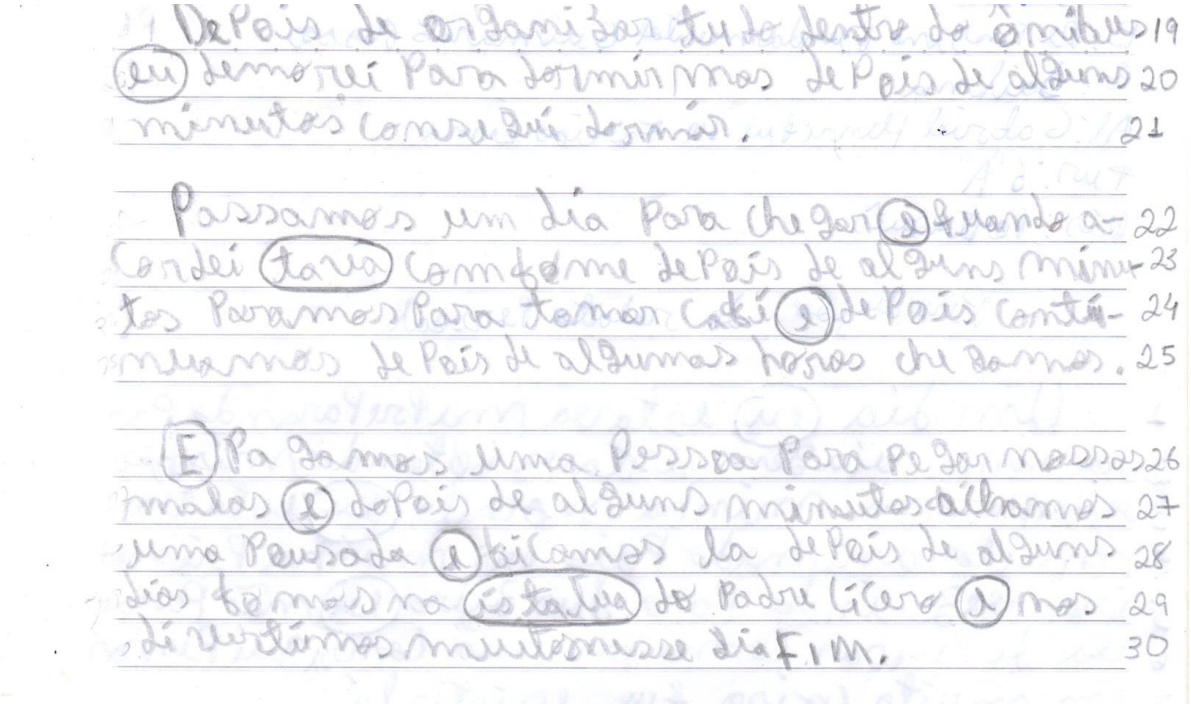
Produção de relato Pessoal

Um dia eu estava me preparando para uma viagem estava botando minhas roupas na minha mochila eu estava muito animado Pois era minha Primeira vez indo Para Juazeiro eu não Parava de Pensar Como era não Consegui Pensar em muita coisa que existia lá.

Mas terminei Com muito sono assim fui Para minha Cama e terminei dormindo muito rapido Porque eu tava muito Cansado.

Derrepente minha mãe me acorda falando que o ônibus tinha chegado eu tava com sono Porque ainda era de noite.

Eu Peguei minha mochila e fui Correndo Para o ônibus mesmo Com sono eu tava muito animado Pois Como Ja falei era minha Primeira vez que eu tinha ido Para lá.



Fonte: Dados da pesquisa (2021)

No texto 8 notamos a presença de aférese em “[...] terminei dormindo muito rápido porque eu **tava** muito cansado.” (linhas 9-11); “[...] eu **tava** com sono [...]” (linhas 13-14); “[...] mesmo com sono eu **tava** muito animado [...]” (linha 16-17); “[...] quando acordei **tava** com fome [...]” (linhas 22-23). Como podemos perceber, esse metaplasmo acontece quando há a supressão da sílaba inicial da palavra.

Mais uma vez temos o alçamento das vogais baixas, que é influência da fala na escrita comum em algumas variedades do português do Brasil, em “[...] fomos na **istatua** do Padre Cícero [...]” (linha 29).

Temos a presença da coesão sequencial, com a utilização do “e”, aparecendo algumas vezes, trazendo continuidade ao texto:

“Passamos um dia para chegar **e** quando acordei tava com fome depois de alguns minutos paramos para tomar café **e** depois continuamos depois de algumas horas chegamos [...]” (linhas 22-25);

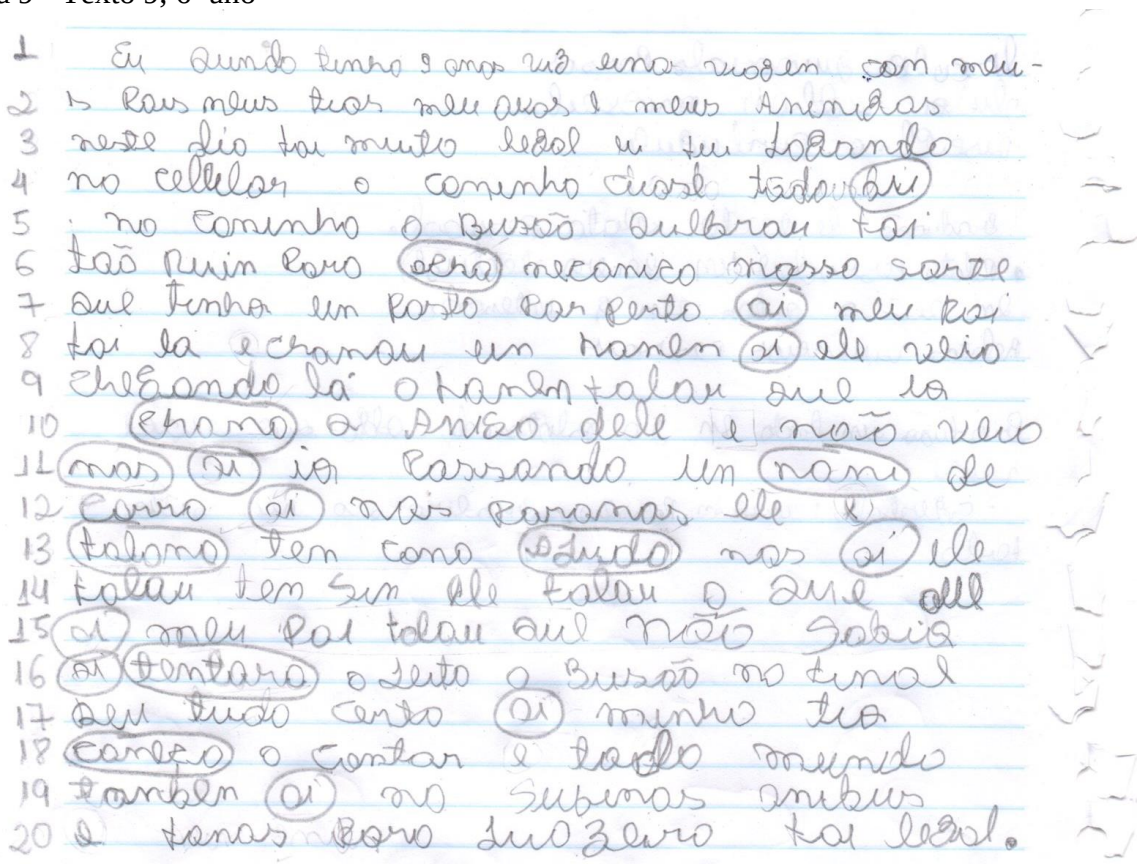
“**E** pagamos uma pessoa pra pegar nossas malas **e** depois de alguns minutos achamos uma pousada **e** ficamos la depois de alguns dias fomos na istatua do Padre Cícero **e** nos divertimos muitos nesse dia [...]”. (linhas 26-30).

É perceptível a presença da repetição do pronome pessoal “eu”, comum a fala, como podemos notar em “Um dia **eu** estava me preparando para uma viagem estava botando minhas roupas na minha mochila **eu** estava muito animado pois era minha primeira vez indo para

juazeiro **eu** não parava de pensar como era não consegui pensar em muita coisa que esistia lá. (linhas 1-7); "**Eu** peguei minha mochila e fui correndo para o ônibus mesmo com sono **eu** tava muito animado pois como já falei era minha primeira vez que **eu** tinha ido para lá. Depois de organizar tudo dentro do ônibus **eu** demorei para dormir mas depois de alguns minutos consegui dormir (linhas 15-21).

4.1.9 Texto 9, 6º ano

Figura 9 - Texto 9, 6º ano



Fonte: Dados da pesquisa (2021)

Neste texto percebemos a presença do metaplasmo apócope em "[...] foi tão ruim para **acha** mecânico [...]" (linhas 5-6); "[...] o homem falou que ia **chama** o amigo dele [...]" (linhas 9-10);); "[...] nos paramos ele e **falamo** tem como **ajuda** nos [...]" (linhas 12-13); "[...] minha tia **começo** o cantar [...]" (linhas 17-18) em que há a supressão de um fonema final, em todos os casos. Do metaplasmo desnasalação em "[...] ai ia passando um **home** [...]" (linha 11); "[...] ai **tentaro** o jeito o busão [...]" (linha 16), em que o fonema nasal /m/ se transforma num fonema oral. Neste caso perdemos o "m" final.

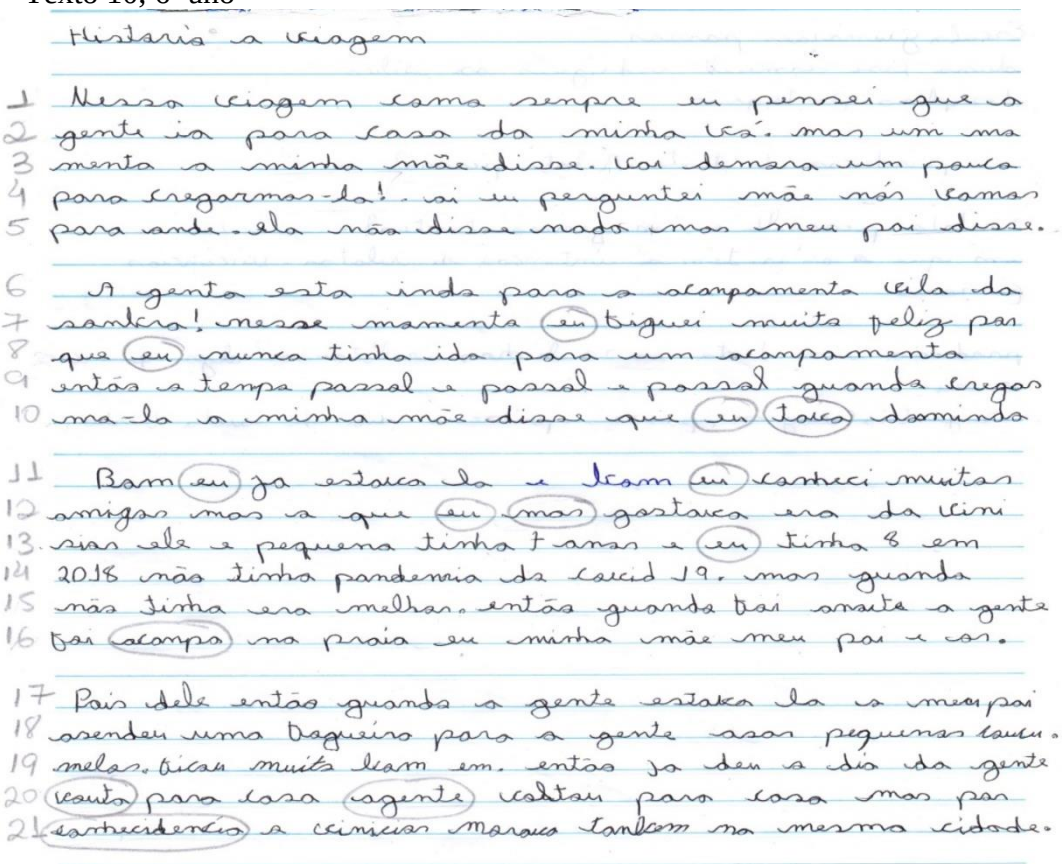
Outro metaplasmo presente neste texto é a síncope em "[...] o homem falou que ia chama o amigo dele e não veio **mas** ai ia passando um home de carro [...]" (linha 9-12), em que há a supressão do fonema /i/ no meio da palavra.

Mais uma vez, percebemos a presença do marcador conversacional "aí", trazendo uma das características dos textos falados, de acordo com Fávero, Andrade e Aquino (2012), como vemos a seguir:

"Eu quando tinha 9 anos vez uma viagem com meus pais meus tios meus avos e meus amigos neste dia foi muito legal eu fui jogando no celular o caminho quase todo **ai** no caminho o busão quebrou foi tão ruim para acha mecanico nossa sorte que tinha um posto por perto **ai** meu pai foi la e chamou um homem **ai** ele veio chegando lá o homem falou que ia chama o amigo dele e não veio mas **ai** ia passando um home de carro **ai** nos paramos ele e falamo tem como ajuda nos **ai** ele falou tem sim ele falou o que foi meu pai falou que não sabia **ai** tentaro ajeita o busão no final deu tudo certo **ai** minha tinha começo a cantar e todo mundo tambem **ai** nos subimos onibus e fomos para Juazeiro foi legal." (linhas 1-20).

4.1.10 Texto 10, 6º ano

Figura 10 - Texto 10, 6º ano



Fonte: Dados da pesquisa (2021)

No texto 10 temos a presença do metaplasmo síncope, que é quando acontece supressão no meio da palavra, como em "[...] mas o que eu **mas** gostava [...]" (linha 12). Na palavra em destaque há supressão do fonema /i/ no meio da palavra. Também temos apócope em "[...] a gente foi **aconpa** na praia [...]" (linhas 15-16); "[...] então ja deu o dia da gente **vouta** para casa [...]" (linhas 19-20), em que há supressão do fonema /r/ final.

Em "[...] a minha mãe disse que eu **tava** dormindo [...]" (linha 10), podemos perceber a presença de aférese, uma vez que na palavra em destaque há supressão da sílaba "es" inicial. Já em "[...] por **conhecidencia** o vinicios morava tanbem na mesma cidade." (linhas 20-21), acontece a palatização, pois percebemos a transformação de um fonema em uma palatal.

Outro fenômeno encontrado aqui é a hipossegmentação em "[...] **agente** voltou para casa [...]" (linha 20), em que acontece a junção dos termos "a" e "gente", que deveriam estar separados na escrita, porém, por influência da fala, foram escritos juntos, formando apenas um vocábulo.

Outro aspecto importante de ser mencionado, é a substituição do "l" pelo "u" , como acontece em "[...] então ja deu o dia da gente **vouta** para casa [...]" (linhas 19-20). Essa é uma recorrente marca da fala na escrita, se caracterizando como marca da maioria dos falantes brasileiros.

A repetição do pronome pessoal "eu" é notória no seguinte trecho "[...] nesse momento **eu** fiquei muito feliz por que **eu** nunca tinha ido para um acanpamento então o tempo passol e passol e passol quando chegamo-la a minha mão disse que **eu** tava dormindo [...]" (linhas 7-10); "Bom **eu** já estava la e bom **eu** conheci muitos amigos mas o que **eu** mas gostava era do vinisios ele e pequeno tinha 7 anos e **eu** tinha 8 em 2018 não tinha pandemia do covid 19. Mas quando não tinha era melhor. [...]" (linhas 11-15). Como já foi mencionado, a repetição de pronomes pessoais é característica da língua falada.

Quadro 1- Síntese das marcas da oralidade encontradas nos textos do 6º ano

Aférese	Aparição em sete textos
Síncope	Aparição em sete textos
Apócope	Aparição em seis textos
Ditongação	Aparição em quatro textos
Palatização	Aparição em dois textos
Metátese	Aparição em um texto
Epítese	Aparição em um texto
Desnasalação	Aparição em um texto
Assimilação	Aparição em um texto
Repetição de pronomes pessoais	Aparição em nove textos

Hipossegmentação	Aparição em cinco textos
Alçamento das vogais baixas	Aparição em quatro textos
Coesão sequencial	Aparição em quatro textos
Marcadores conversacionais	Aparição em dois textos
Hipersegmentação	Aparição em um texto
Coesão referencial	Aparição em um texto
Substituição do “L” pelo “U”	Aparição em um texto

Fonte: Dados da pesquisa (2021)

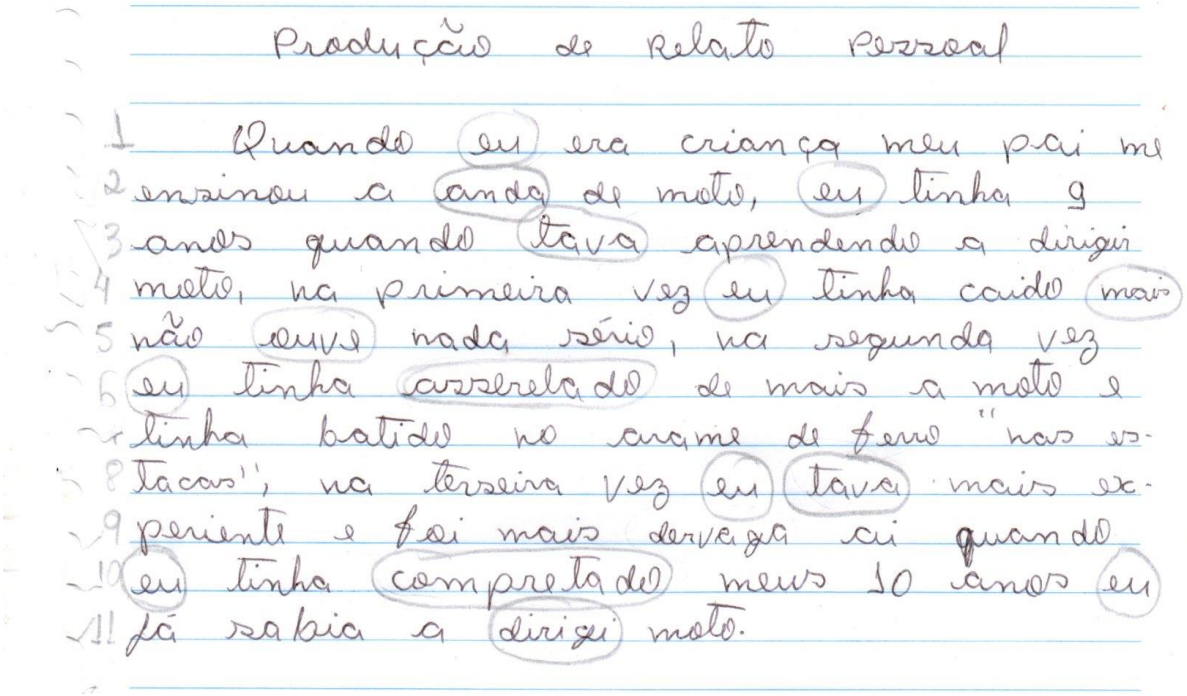
4.2 Produções textuais 9º ano

Nesta subseção apresentamos as análises dos textos do 9º ano do Ensino Fundamental. Assim como nas análises dos textos do 6º ano, aqui também trazemos os metaplasmos para que possamos verificar a presença de informalidade nos textos produzidos. Além disso, também deixaremos em destaque alguns outros aspectos que caracterizam a influência da fala na escrita.

Notamos que, embora os textos analisados sejam de alunos do último ano do Ensino fundamental, a influência da fala, ainda que bem menor que no sexto ano, ainda se faz presente. Vejamos a seguir.

4.2.1 Texto 1, 9º ano

Figura 11 – Texto 1, 9º ano



Produção de Relato Pessoal

Quando eu era criança meu pai me ensinou a anda de moto, eu tinha 9 anos quando tava aprendendo a dirigir moto, na primeira vez eu tinha caido mais não ouvi nada sério, na segunda vez eu tinha acelerado de mais a moto e tinha batido no cruzamento de ferro "nas estacas"; na terceira vez eu tava mais experiente e foi mais devagar ai quando eu tinha completado meus 10 anos eu já sabia a dirigi moto.

Fonte: Dados da pesquisa (2021)

Percebemos neste texto a presença do metaplasmo apócope em “[...] meu pai me ensinou a **anda** de moto [...]” (linhas 1-2); “[...] “[...] quando eu tinha compretado meus 10 anos eu já sabia a **dirigi** moto.” (linhas 9-11), em que há a supressão do fonema /r/ final. Também temos aférese, como em “[...] eu tinha 9 anos quando **tava** aprendendo a dirigir moto [...]” (linhas 2-3); “[...] na terseira vez eu **tava** mais experiente [...]” (linhas 8-9) em que notamos a supressão da sílaba inicial “es”. Temos ditongação em “[...] na primeira vez eu tinha caido **mais** não ouve nada sério [...]” (linhas 4-5). Neste último caso a vogal “a” se transforma no ditongo “ai”.

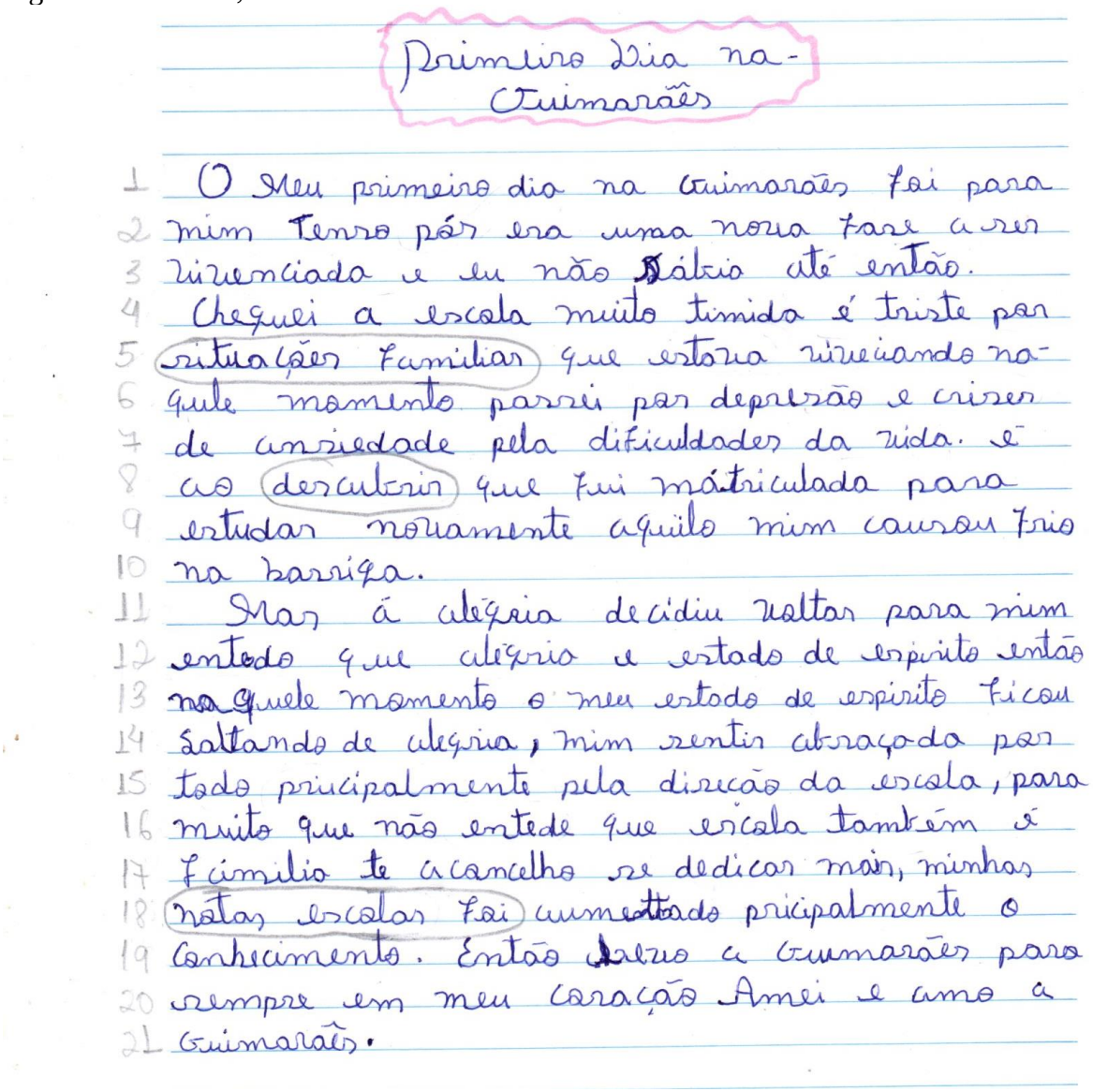
O rotacismo está presente na seguinte construção: “[...] quando eu tinha **compretado** meus 10 anos eu já sabia a dirigi moto.” (linhas 9-11). Na palavra em destaque há a transformação do fonema /l/ em fonema /r/. Já em “[...] na segunda vez eu tinha **asserelado** de mais a moto [...]” (linhas 5-6), termos metátese, pois na palavra em destaque há a troca de posição de fonemas na sílaba, entre os fonemas /r/ e /l/.

Além disso, temos em “[...] na primeira vez eu tinha caido mais não **ouve** nada sério [...]” (linhas 4-5), influência da fala na escrita, pois como na fala não pronunciamos o “h” de ouve, isso acabou influenciando a escrita do aluno.

Mais uma vez temos o pronome pessoal “eu” aparecendo repetidamente, como influência da fala. Vejamos: “Quando **eu** era criança meu pai me ensinou a anda de moto, **eu** tinha 9 anos quando tava aprendendo a dirigir moto, na primeira vez **eu** tinha caido mais não ouve nada sério, na segunda vez **eu** tinha asserelado de mais a moto e tinha batido no arame de ferro “nas estacas”, na terseira vez **eu** tava mais experiente e foi mais dervagar ai quando **eu** tinha compretado meus 10 anos eu já sabia a dirigi moto. (linhas 1-11).

4.2.2 Texto 2, 9º ano

Figura 12 - Texto 2, 9º ano



Primeiro Dia na Guimarães

O Meu primeiro dia na Guimarães foi para mim Tenso pôr era uma nova fase a ser vivenciada e eu não sabia até então. Cheguei a escola muito tímida é triste por situações familiar que estava vivenciando naquele momento passei por depressão e crises de ansiedade pela dificuldades da vida. E ao descubrir que fui matriculada para estudar novamente aquilo mim causou frio na barriga.

Mas a alegria decidiu voltar para mim entedo que alegria e estado de espirito então naquele momento o meu estado de espirito ficou saltando de alegria, mim sentir abraçada por todo principalmente pela direção da escola, para muito que não entede que escola também é familia te acanselho se dedicar mais, minhas notas escolar foi aumentado pricipalmente o Conhecimento. Então Levo a Guimarães para sempre em meu coração Amei e amo a Guimarães.

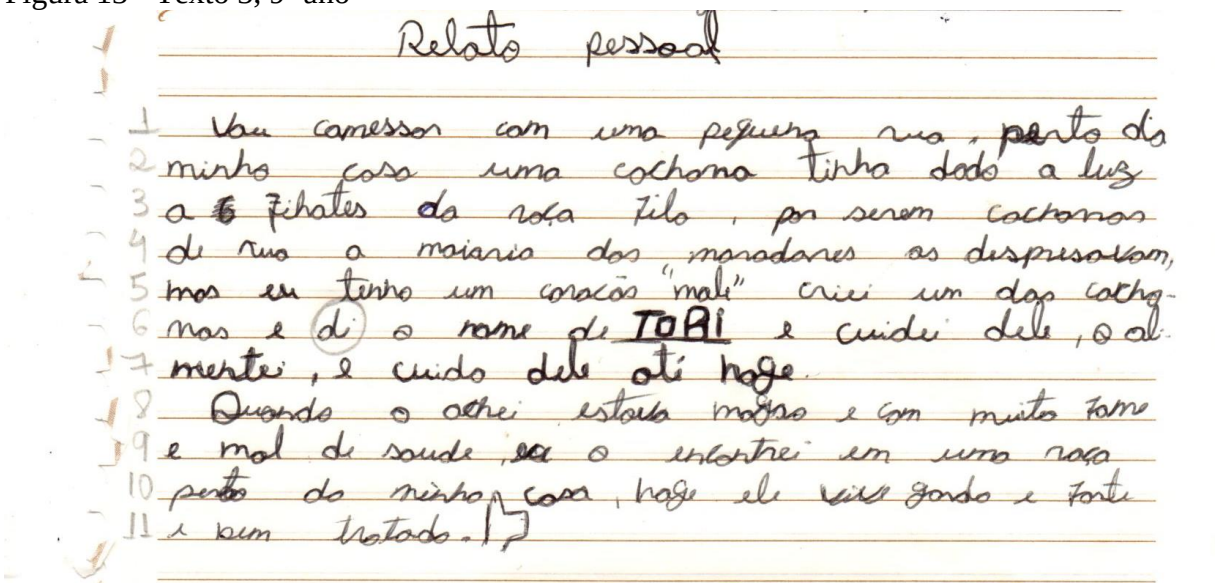
Fonte: Dados da pesquisa (2021)

Embora não tenhamos metaplasmos presentes neste texto, temos a presença do alçamento da vogal “o” para a vogal “u” em “[...] ao **descubrir** que fui matriculada para estudar novamente [...]” (linhas 8-9). Embora não haja aprofundamentos sobre o assunto, é importante mencioná-lo, pois se caracteriza como influência da fala comum em algumas variedades do português do Brasil.

Notamos problemas de concordância nominal em “Cheguei a escola muito tímida é triste por **situações familiar** que estava vivenciando naquele momento [...]” (linhas 4-6) e de concordância verbal em “[...] minhas **notas escolar foi** aumentando [...]” (linhas 17-18). Nos dois casos temos a fala influenciando a escrita.

4.2.3 Texto 3, 9º ano

Figura 13 - Texto 3, 9º ano


Relato pessoal

Eu comessou com uma pequena rua, perto da minha casa uma cachorra tinha dado a luz a 6 filhotes da raça Fila, por serem cachorros de rua a maioria dos moradores os desprezavam, mas eu tenho um coração "mole" criei um dos cachorros e di o nome de TORI e cuidei dele, o adestrei, e cuido dele até hoje.

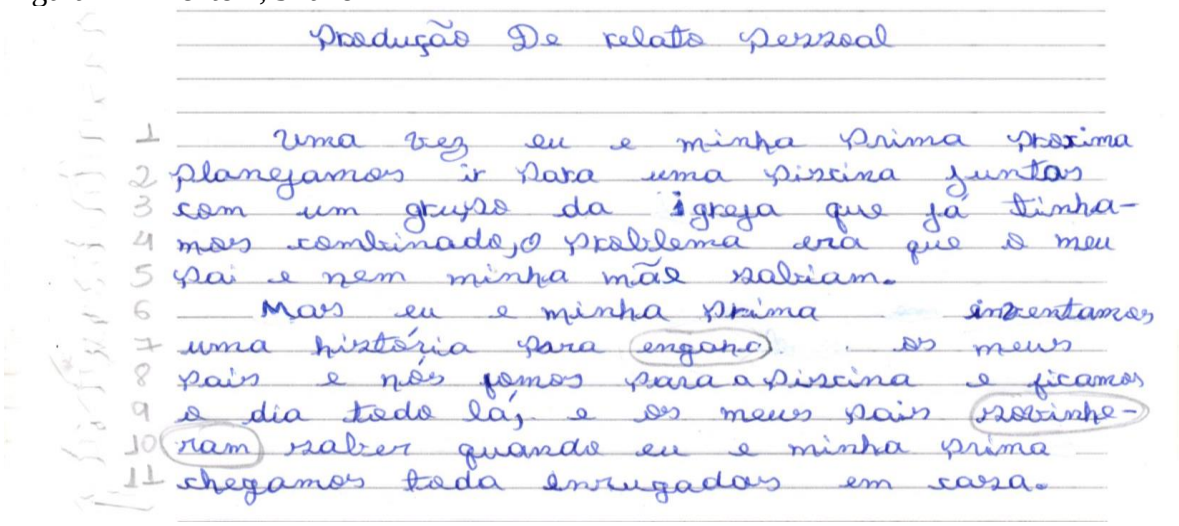
Quando o achei estava magro e com muita fome e mal de saude, eu o encontrei em uma rua perto da minha casa, hoje ele vive gordo e forte e bem tratado.

Fonte: Dados da pesquisa (2021)

No texto 3 do 9º ano do Ensino Fundamental percebemos a presença de síncope em "[...] e **di** o nome de TORI [...]". (linha 6) em que há a supressão do fonema /e/ no meio da palavra. Além disso, percebe-se algo que é recorrente na aquisição da língua, que normalmente é superado com a escolaridade, porém aqui se manteve, que é a conjugação própria do verbo. Apesar de não haver um aprofundamento teórico nessa questão, julgamos necessário mencionar sobre este aspecto, cabendo uma outra análise.

4.2.4 Texto 4, 9º ano

Figura 14 – Texto 4, 9º ano


Produção De relato pessoal

Uma vez eu e minha prima proxima planejamos ir para uma piscina juntas com um grupo da igreja que já tinhamos combinado, o problema era que o meu pai e nem minha mãe sabiam.

Mas eu e minha prima inventamos uma historia para engano os meus pais e nós fomos para a piscina e ficamos o dia todo lá, e os meus pais descobriram saber quando eu e minha prima chegamos toda enrugadas em casa.

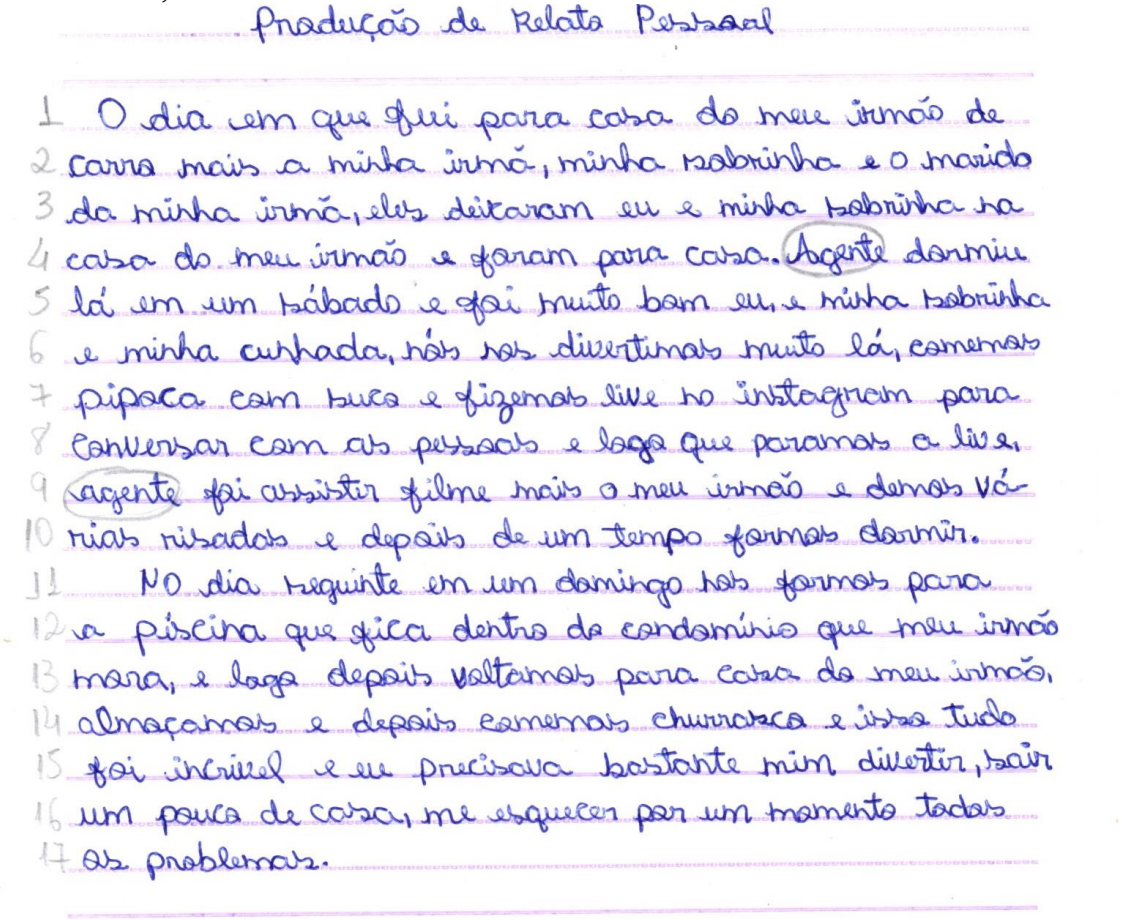
Fonte: Dados da pesquisa (2021)

No texto 4 percebemos a presença de apócope em "[...] inventamos uma história para **engana** os meus pais [...]". (linhas 6-8), em que, na palavra em destaque, há supressão do fonema /r/ final.

Além disso, em "[...] os meus pais **sovinheram** saber quando eu e minha prima chegamos [...]" (linhas 9-11) temos um caso de hipossegmentação, em que os termos "so" e "vinheram" foram escritos juntos. Se analisarmos o termo "vinheram" separadamente, percebemos que também há um caso de palatização, pois o fonema oral /e/ se transforma num fonema palatal.

4.2.5 Texto 5, 9º ano

Figura 15 - Texto 5, 9º ano



Produção de Relato Pessoal

O dia em que fui para casa do meu irmão de carro mais a minha irmã, minha sobrinha e o marido da minha irmã, eles deixaram eu e minha sobrinha na casa do meu irmão e foram para casa. Agente dormiu lá em um sábado e foi muito bom eu, e minha sobrinha e minha cunhada, nós nos divertimos muito lá, comemos pipoca com suco e fizemos live no instagram para conversar com as pessoas e logo que paramos a live, agente foi assistir filme mais o meu irmão e demos várias risadas e depois de um tempo fomos dormir.

No dia seguinte em um domingo nos fomos para a piscina que fica dentro do condomínio que meu irmão mora, e logo depois voltamos para casa do meu irmão, almoçamos e depois comemos churrasco e isso tudo foi incrível e eu precisava bastante mim divertir, sair um pouco de casa, me esquecer por um momento todos os problemas.

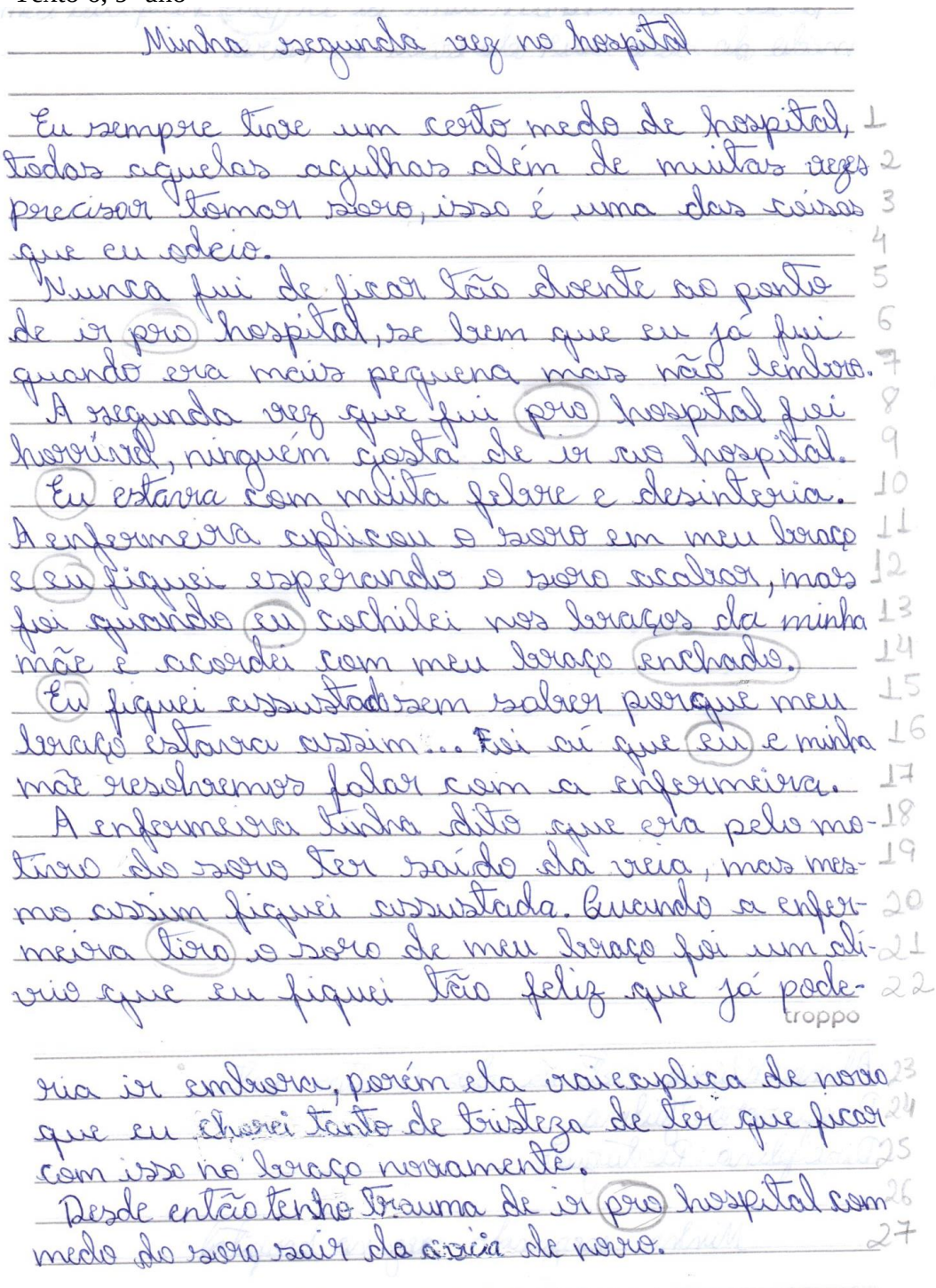
Fonte: Dados da pesquisa (2021)

O texto 5 é mais um exemplo de texto que não tem metaplasmos, porém a influência da fala está presente através da hipossegmentação em "**Agente** dormiu lá em um sábado [...]" (linhas 4-5); "[...] **agente** foi assistir filme mais o meu irmão [...]" (linha 9). Nos dois casos os

termos “a” e “gente” se unem formando apenas um vocábulo.

4.2.6 Texto 6, 9º ano

Figura 16 - Texto 6, 9º ano



Minha segunda vez no hospital

Eu sempre tive um certo medo de hospital, todas aquelas agulhas além de muitas vezes precisar tomar soro, isso é uma das coisas que eu odeio.

Nunca fui de ficar tão doente ao ponto de ir pro hospital, se bem que eu já fui quando era meis pequena mas não lembro.

A segunda vez que fui pro hospital foi horrível, ninguém gosta de ir ao hospital.

Eu estava com muita febre e desinteria. A enfermeira aplicou o soro em meu braço e eu fiquei esperando o soro acabar, mas foi quando eu cochilei nos braços da minha mãe e acordei com meu braço enchado.

Eu fiquei assustada sem saber porque meu braço estava assim... Foi aí que eu e minha mãe resolvemos falar com a enfermeira.

A enfermeira tinha dito que era pelo motivo do soro ter saído da veia, mas mesmo assim fiquei assustada. Quando a enfermeira tiro o soro de meu braço foi um alívio que eu fiquei tão feliz que já poderia ir embora, porém ela vai explica de novo que eu chorei tanto de tristeza de ter que ficar com isso no braço novamente.

troppo

Desde então tenho trauma de ir pro hospital com medo do soro sair da veia de novo.

Fonte: Dados da pesquisa (2021)

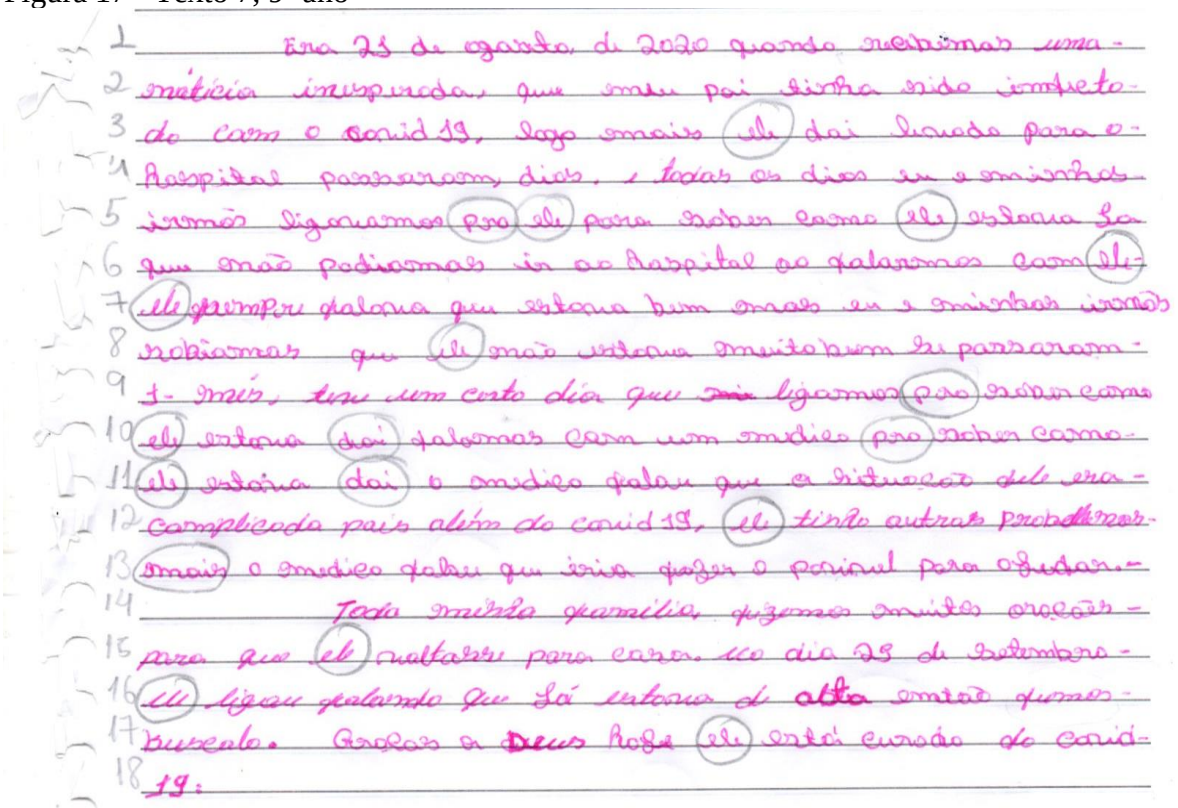
Neste texto podemos perceber a presença de síncope em “Nunca fui de ficar tão doente ao ponto de ir **pro** hospital [...]” (linhas 5-6); “A segunda vez que fui **pro** hospital [...]” (linha 8); “Desde então tenho trauma de ir **pro** hospital [...]” (linha 26). Nas palavras em destaque temos a supressão do fonema /a/ no meio das palavras. Nestes mesmos casos há a hipossegmentação, pois temos o “para o” = pra o = pro.

O metaplasmo apócope aparece em “Quando a enfermeira **tiro** o soro de meu braço [...]” (20-21), em que na palavra em destaque há supressão do fonema /u/ final. Outro metaplasmo presente neste texto é a metafonia, como podemos ver em “[...] acordei com meu braço **enchado**” (linha 14) em que, na palavra em destaque, há alteração do timbre da vogal /i/ para /e/.

Além disso, há repetição do pronome pessoal “eu”, característica da língua falada. Vejamos: “**Eu** estava com muita febre e desinteria. A enfermeira aplicou o soro em meu braço e **eu** fiquei esperando o soro acabar, mas foi quando **eu** cochilei nos braços da minha mãe e acordei com meu braço enchado. **Eu** fiquei assustado sem saber porque meu braço estava assim... foi aí que **eu** e minha mãe resolvemos falar com a enfermeira [...]” (linhas 10-17).

4.2.7 Texto 7, 9º ano

Figura 17 - Texto 7, 9º ano


Era 21 de agosto de 2020 quando recebemos uma-
notícia inesperada, que meu pai tinha sido infecto-
do com o covid 19, logo mais ele dai levado para o-
hospital passaram dias, e todos os dias eu e minhas-
irmãs ligavamos pro ele para saber como ele estava lá
que não podiamos ir ao hospital ao falarmos com ele-
ele sempre falava que estava bem mas eu e minhas irmãs
sabiamos que ele não estava muito bem se passaram-
1- mês, teve um certo dia que ligamos pro saber como
ele estava dai falamos com um medico pro saber como-
ele estava dai o medico falou que a situação dele era-
complicada pois além do covid 19, ele tinha outros problemas-
mais o medico falou que iria fazer o possivel para ajudar.-
Toda minha familia fizemos muitas orações-
para que ele voltasse para casa. no dia 29 de setembro-
ele ligou falando que lá estava de alta então fomos-
buscalo. Graças a Deus hoje ele está curado do covid-
19:

Fonte: Dados da pesquisa (2021)

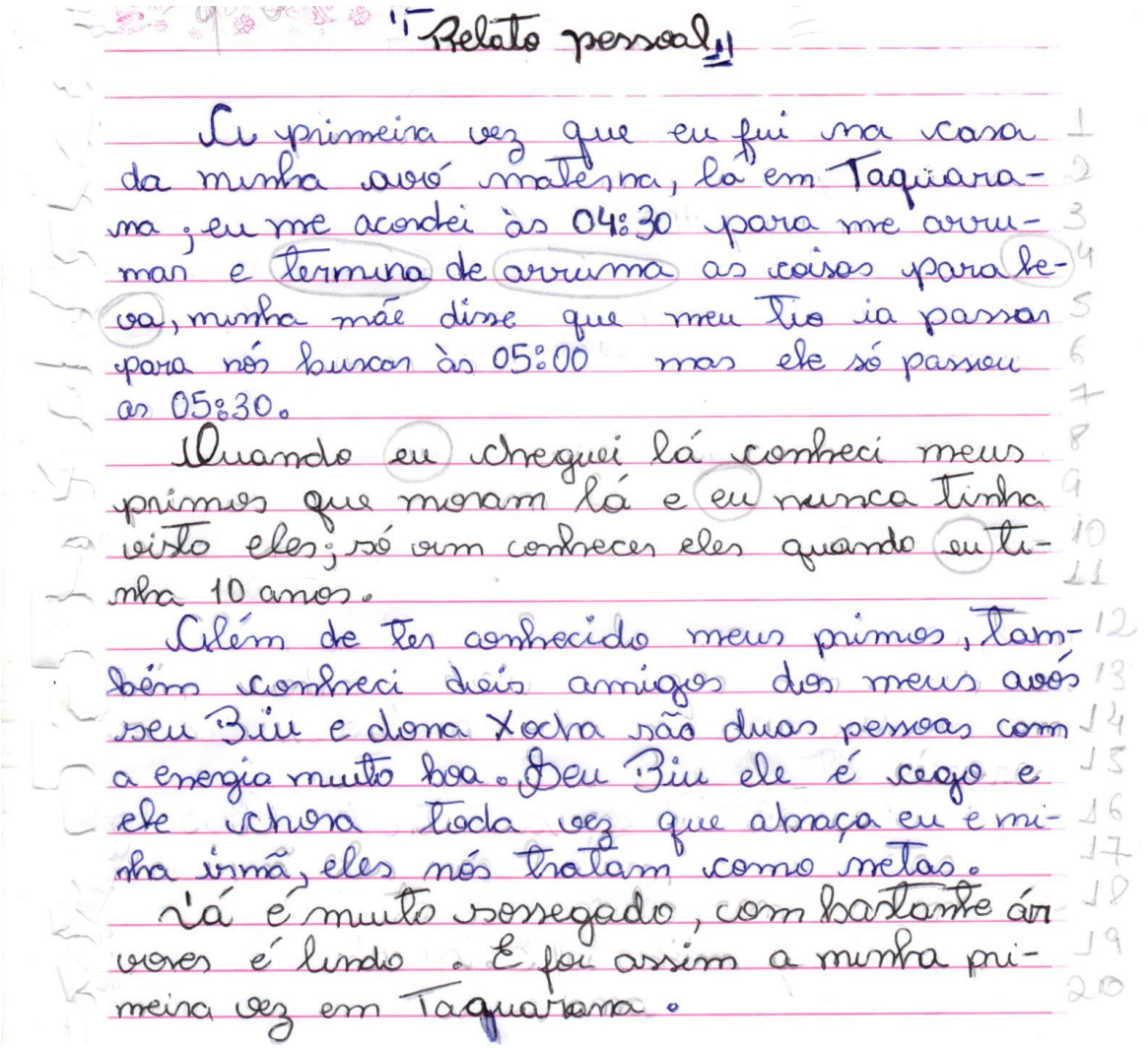
No texto 7 notamos a presença de síncope em “[...] eu e minhas irmãs ligávamos **pra** ele [...]” (linha 4-5); “[...] ligamos **pra** saber como ele estava [...] (linhas 9-10); “[...] falamos com um medico **pra** saber como ele estava [...]” (linhas 10-11). Nestes casos temos a supressão do fonema /a/ no meio da palavra. Temos a ditongação em “[...] **mais** o medico falou que iria fazer o posivel para ajudar.” (linha 13) em que o fonema /a/ se transforma no ditongo “ai”.

Como vimos, de acordo com Fávero, Andrade e Aquino (2012), a expressão “daí” é um marcador conversacional que dá encadeamento e continuidade ao texto, sendo, além disso, característica do texto falado, uma expressão que aparece no texto analisado:
“[...] **daí** falamos com um medico pra saber como ele estava **daí** o medico falou que a situação dele era complicada [...]” (linhas 10-11).

Como já mencionado, a repetição de pronomes pessoais é característica da oralidade. Aqui temos a repetição do pronome pessoal “ele”. Observemos: “Era 21 de agosto de 2020 quando recebemos uma notícia inesperada, que meu pai tinha sido imfectado com o covid 19, logo mais **ele** foi levado para o hospital passaram dias e todos os dias eu e minha irmãs ligávamos pra **ele** pra saber como **ele** estava porque não podíamos ir ao hospital ao falarmos com **ele**. **Ele** sempre falava que estava bem mas eu e minhas irmãs sabíamos que **ele** não estava muito bem se passaram 1 mês, teve um certo dia que ligamos pra saber como **ele** estava dai o medico falou que a situação dele era complicada pois além de covid 19, **ele** tinha outros problemas mais o medico falou que iria fazer o possível para ajudar. Toda minha familia, fizemos muitas orações para que **ele** voltasse para casa. No dia 29 de setembro **ele** ligou falando que já estava de alta emtão fomos buscalo. Graças a Deus hoge **ele** está curado do covid 19.” (linhas 1-18).

4.2.8 Texto 8, 9º ano

Figura 18 – Texto 8, 9º ano



Relato pessoal

A primeira vez que eu fui na casa da minha avó materna, lá em Taquarana; eu me acordei às 04:30 para me arrumar e termina de arruma as coisas para leva, minha mãe disse que meu Tio ia passar para nós buscar às 05:00 mas ele só passou as 05:30.

Quando eu cheguei lá conheci meus primos que moram lá e eu nunca tinha visto eles; só vim conhecer eles quando eu tinha 10 anos.

Além de Ter conhecido meus primos, Também conheci dois amigos dos meus avós seu Biu e dona Xocha são duas pessoas com a energia muito boa. Seu Biu ele é cego e ele chora toda vez que abraça eu e minha irmã, eles nós tratam como netas.

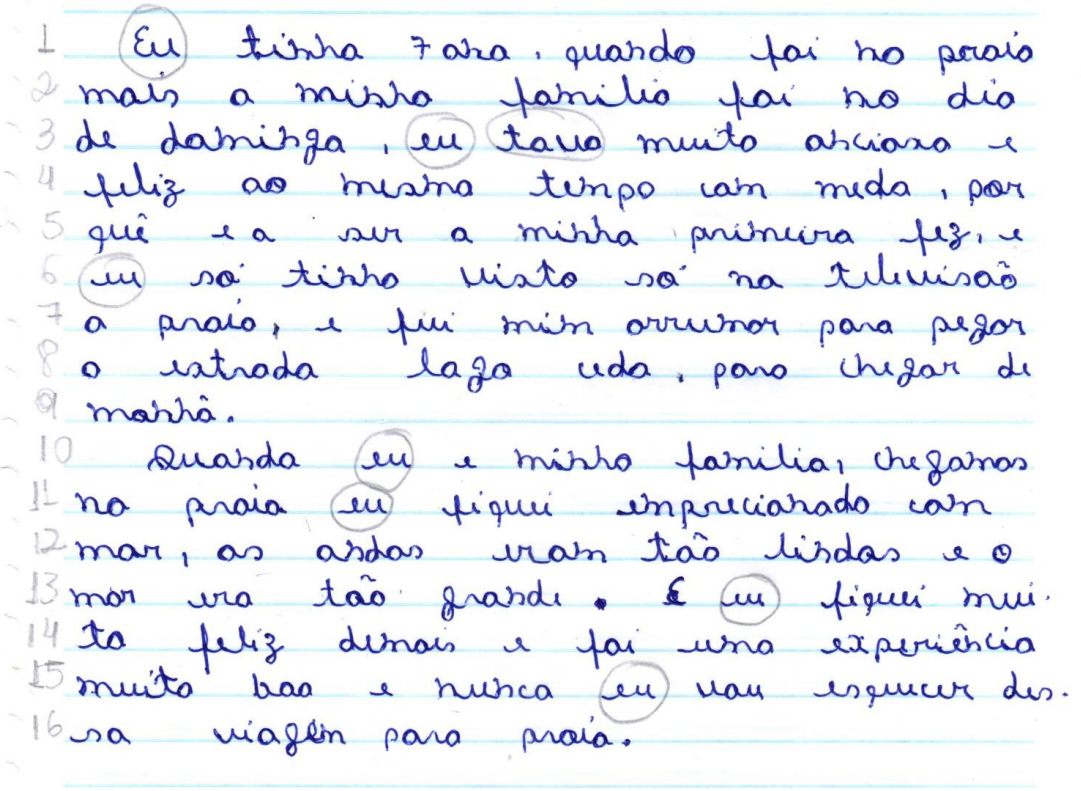
Lá é muito sossegado, com bastante árvores é lindo. E foi assim a minha primeira vez em Taquarana.

Fonte: Dados da pesquisa (2021)

Neste texto, o único metaplasmo que aparece é o apócope em "[...] eu me acordei às 04:30 para me arrumar e **termina** de **arruma** as coisas para **leva** [...]" (linhas 3-5). Nas palavras em destaque há supressão do fonema /r/ final. Porém, também temos a presença da repetição do pronome pessoal "eu" em "Quando **eu** cheguei lá conheci meus primos que moram lá e **eu** nunca tinha visto eles; só vim conhecer eles quando **eu** tinha 10 anos." (linhas 8-11).

4.2.9 Texto 9, 9º ano

Figura 19 - Texto 9, 9º ano


Eu tinha 7 ano, quando foi na praia mais a minha familia foi no dia de domingo, eu tava muito ancioso e feliz ao mesmo tempo com medo, por quê e a ser a minha primeira fez, e eu só tinha visto só na televisão a praia, e fui mim arrumar para pegar o estrada logo cedo, para chegar de manhã.

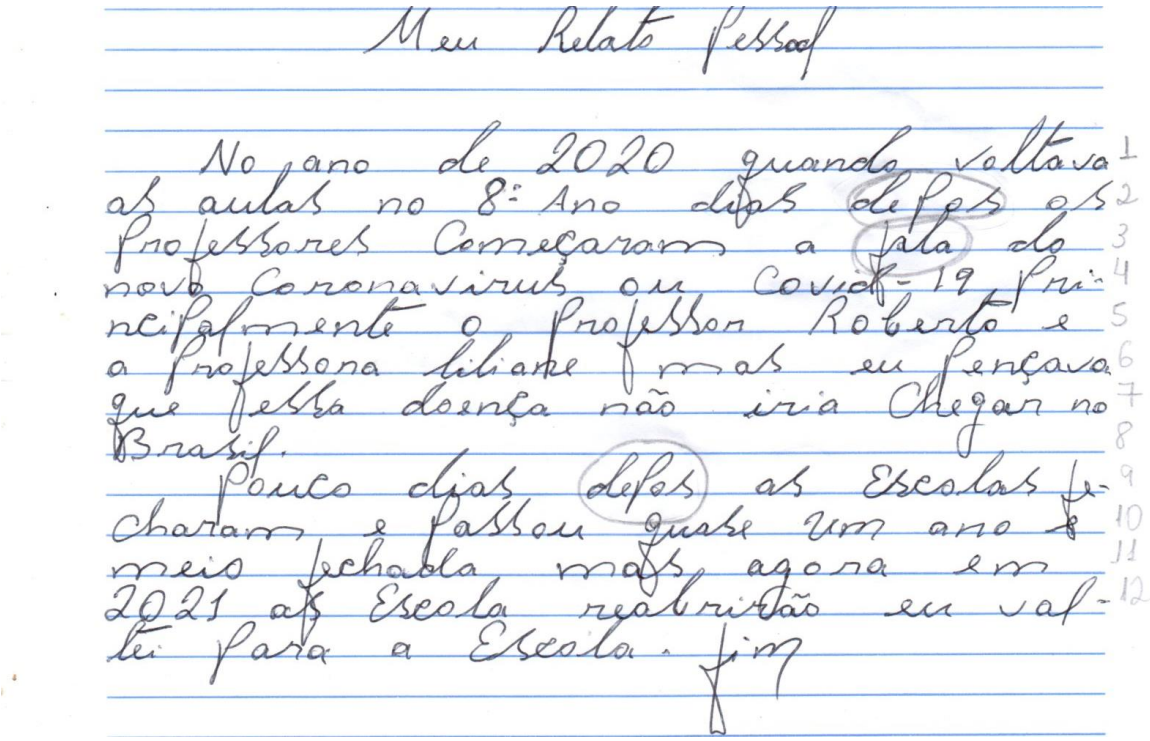
Quando eu e minha familia, chegamos na praia eu fiquei emprecionado com mar, as ondas eram tão lindas e o mar era tão grande. E eu fiquei muito feliz demais e foi uma experiência muito boa e nunca eu vou esquecer dessa viagem para praia.

Fonte: Dados da pesquisa (2021)

O texto 9 é mais um exemplo de texto que percebemos a presença de apenas um metaplasmo: aférese em "[...] eu **tava** muito ancioso e feliz ao mesmo tempo [...]" (linha 3-4). Na palavra em destaque temos a supressão da sílaba "es" inicial. Além disso, também há a repetição do pronome pessoal "eu" em "**Eu** tinha 7 ano, quando foi na praia mais a minha familia foi no dia de domingo, **eu** tava muito ansioso e feliz ao mesmo tempo com medo, por quê e a ser a minha primeira fez, e **eu** só tinha visto só na televisão a praia, e fui mim arrumar para pegar a estrada logo cedo, para chegar de manhã. Quando **eu** e minha familia, chegamos na praia eu fiquei emprecionado com mar, as ondas eram tão lindas e o mar era tão grande. E **eu** fiquei muito feliz demais e foi uma experiência muito boa e nunca **eu** vou esquecer dessa viagem para praia." (linhas 1-16).

4.2.10 Texto 10, 9º ano

Figura 20 - Texto 10, 9º ano



Meu Relato Pessoal

No ano de 2020 quando voltava
as aulas no 8º Ano dias depois os
Professores Começaram a fala do
novo Coronavirus ou Covid-19 Prin-
cipalmente o Professor Roberto e
a Professora Liliane mas eu pençava
que feita doença não iria Chegar no
Brasil.
Pouco dias depois as Escolas fe-
charam e passou quase um ano e
meio fechada mas agora em
2021 as Escola reabrirão eu vol-
ti para a Escola. fim

Fonte: Dados da pesquisa (2021)

Neste texto percebemos a presença de síncope em "[...] dias **depos** os professores começaram a fala do novo coronavírus [...]" (linhas 2-4); "Pouco dias **depos** as escolas fecharam [...]" (linhas 9-10). Nestes casos há supressão do fonema /i/ no meio da palavra. Também temos apócope em "[...] os professores começaram a **fala** do novo coronavírus ou covid-19 [...]" (linhas 2-4) em que há supressão do fonema /r/ final.

Quadro 2- Síntese das marcas da oralidade encontradas nos textos do 9º ano

Apócope	Aparição em cinco textos
Síncope	Aparição em quatro textos
Aférese	Aparição em dois textos
Ditongação	Aparição em dois textos
Rotacismo	Aparição em um texto
Metátese	Aparição em um texto
Palatização	Aparição em um texto
Metafonia	Aparição em um texto
Repetição de pronomes pessoais	Aparição em cinco textos
Hipossegmentação	Aparição em três textos
Marcadores conversacionais	Aparição em um texto
Alçamento da vogal baixa	Aparição em um texto
Conjugação própria do verbo	Aparição em um texto
Não pronúncia e não escrita do H, no início da palavra	Aparição em um texto

Fonte: Dados da pesquisa (2021)

5 MARCAS ENCONTRADAS

Considerando os textos analisados, vejamos agora as marcas da fala que mais influenciaram os textos dos alunos.

Como já mencionado, de acordo com Botelho e Leite (2005), os metaplasmos transformam foneticamente a língua falada. Levando isso em consideração, estes processos fizeram parte das nossas análises. Assim, percebemos que, no geral, considerando os textos do 6º e 9º ano, os metaplasmos mais recorrentes foram aférese, apócope, síncope e ditongação. Porém, tivemos outros aparecendo, como metátese, assimilação, epítese, desnasalação, palatização, rotacismo, metátese e metafonia.

Percebemos a presença de marcadores conversacionais, que são típicos dos textos falados e, confirmando o que Fávero, Andrade e Aquino (2012) nos diz, tiveram a função de encadear os textos, trazendo continuidade. A coesão sequencial também se fez presente nas nossas análises, trazendo, como o próprio nome nos afirma, sequência ao texto, através de conectores.

A repetição de pronomes pessoais é uma marcada que, recorrentemente, aparece nos textos falados, que influencia os textos escritos, de acordo com Grunner (1967, *apud* FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 2012). Reparamos que na maioria dos textos analisados, tivemos a presença desses pronomes. Além disso, está presente a coesão referencial, em que, segundo Fávero, Andrade e Aquino (2012), se destaca a repetição.

Mais uma marca da fala foi a substituição do fonema /l/ pelo /u/. Notamos também a omissão do “h” na escrita da palavra “houve”, pois não pronunciamos o “h”, sinal da fala influenciando, mais uma vez, o texto escrito.

A conjugação própria do verbo também acontece, fato que é frequente na aquisição da língua, mas que deveria ser eliminado com escolaridade.

É importante mencionar a ocorrência da hipossegmentação e da hipersegmentação, que são dois recursos que são influenciados pela fala para acontecer, mas que vão além dos processos fonológicos. Nestes processos há um comprometimento da organização prosódica. Além disso, também temos a presença do alçamento das vogais baixas, como por exemplo, quando vimos a troca do “e” pelo “i”, em nossas análises.

Além disso, percebemos o *continuum* acontecendo entre a modalidade falada e escrita da língua, se confirmando o que Bortoni-Ricardo, Gondim e Benício (2010), e também Marcuschi (1997), afirmam sobre esse fenômeno, quando falam que a contrariedade extrema

não se afirma entre fala e escrita. Afirmam que uma e outra tem suas particularidades, porém estão em um continuum, partilhando características.

Com isso, podemos afirmar que o ensino de língua portuguesa precisa considerar e trabalhar com as duas modalidades da língua. Aqui, confirmamos que os alunos precisam ter contato e aprender as particularidades das duas modalidades da língua (falada e escrita). Professores de Língua Portuguesa precisam compreender que, como afirmam Fávero, Andrade e Aquino (2012), precisamos trabalhar do nível coloquial ao mais formal da fala e da escrita, para que os alunos se apoderem das duas modalidades e consigam, com o aumento da escolaridade, eliminar as marcas da fala na escrita, resultado do entendimento de uso das modalidades da língua.

Considerando tudo que vimos até aqui, pensemos agora sobre possíveis maneiras de ajudar professores de Língua Portuguesa a enfrentar situações de influência da fala na escrita, e desenvolver atividades, a fim de ajudar os alunos a reconhecer e usar, quando for solicitado, a modalidade falada e escrita da língua. Como proposta para solucionar tais problemas, falaremos, a seguir, das operações de transformações, que, segundo Fávero, Andrade e Aquino (2012), podem ajudar a solucionar problemas de influência da fala na escrita, se aplicado corretamente.

5.1 Operações de transformação

De acordo com Fávero, Andrade e Aquino (2012) a produção escrita tem apresentado vários problemas entre os estudantes, por isso, apontam a aprendizagem das operações de transformação, do texto falado para o texto escrito, como algo importante para que estes alunos possam dominar melhor a modalidade escrita da Língua.

É fundamental, por tanto, levar os alunos a observarem o texto, falado e escrito, para que consigam verificar o que cada modalidade exige. Segundo as mesmas autoras “a aplicação de atividades de observação que envolvem a organização de textos falados e escritos permite que os alunos cheguem à percepção de como efetivamente se realizam, se constroem e se formulam esses textos.” (FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 2012, p. 87).

É papel da escola e do professor serem cuidadosos nesse processo, para que os alunos consigam diferenciar a língua falada da língua escrita. Assim, é essencial que o professor aplique atividades que possibilitem aos alunos fazerem uso de procedimentos que convertam o texto falado para o escrito; é imprescindível que façam uso das operações de transformação, para que consigam perceber essa diferenciação.

É importante destacar também que, para que se possa analisar um texto falado, não basta observar os aspectos linguísticos, pois em uma interação oral os interlocutores precisam ir além desses aspectos, já que a fala se vale de vários outros mecanismos como o tom da voz e ritmo, como já vimos, mais acima, por Fávero, Andrade e Aquino (2012).

Os resultados aqui apresentados são de muita relevância para se pensar o ensino de produção de textos orais e escritos na escola e remetem à imprescindível elaboração de atividades, de propostas didáticas para fazê-lo. Embora fora do objetivo deste trabalho em si, essa proposição não nos escapa. A gênese da elaboração já é fomentada e, em trabalhos futuros, será compartilhada.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho trouxe à luz a influência da fala da escrita de alunos do 6º e do 9º ensino fundamental em uma escola de Alagoas, mostrando que marcas mais comuns à fala aparecem nos textos produzidos por esses alunos. Os resultados mostram presença de transformações fonéticas – metaplasmos, além de implicitudes, repetições, hesitações, anacolutos, elipses, contingências e marcadores conversacionais.

Os resultados mostram, portanto, haver normas da variedade dialetal dos alunos, principalmente fonológicas, sendo transpostas para seus textos, mas que, por serem previsíveis e sistemáticas, podem ser trabalhadas em sala de aula, haja vista que, pela comparação entre os anos, foi possível perceber diminuição desses elementos da fala nas produções dos alunos mais avançados,a, concluindo-se, portanto, que a série em que o estudante se encontra é uma variante importante quando se pensa na influência da fala em textos escritos.

Percebemos que, conforme previam Koch e Elias (2010), no 9° ano as marcas da oralidade na escrita diminuíram, mesmo na produção do gênero relato, cujo estilo pode levar à informalidade, embora tenham característica formal, neste caso, por serem didáticos. Como tem como principal característica o relato de algo vivenciado, percebemos que favorece o aparecimento dessas marcas, talvez por levar o produtor do texto a se sentir confortável e livre para produzir.

Para que haja a diminuição do fenômeno e, sobretudo conscientizar os alunos sobre a adequação de sua expressão em textos formais e informais, atividades diversas podem ser realizadas em aula, mas sempre partindo do contato com textos que tenham essas peculiaridades.

A utilização das operações de transformação, revisão por pares, reescrita coletiva e individual são algumas possibilidades. Com a adoção de tais atividades, os alunos poderão perceber, na prática, as particularidades da formalidade e da informalidade e também do que é próprio da fala e da escrita.

Diante de tudo que já foi exposto, julgamos este trabalho útil para reflexões sobre o tema e um elemento de consulta para a elaboração de atividades – pelos autores deste trabalho e/ou por outros pesquisadores – que possam ajudar professores a atuarem na formulação de textos adequados a cada contexto interacional em que os alunos se inserem.

REFERÊNCIAS

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador**: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris; GONDIM, Márcia Regina; BENÍCIO, Miliane Nogueira Magalhães. O papel da oralidade na aquisição da cultura letrada. *In*: HEINIG, Otília Lizete; FRONZA, Cátia de Azevedo (orgs.). **Diálogos entre Linguística e Educação**. Blumenau: Edifurb, 2010, p. 187-205.

BOTELHO, José Mario; LEITE, Isabelle Lins. **Metaplasmos contemporâneos**: um estudo acerca das atuais transformações fonéticas da Língua Portuguesa**:** Anais. Rio de Janeiro: UERJ, 2005. Disponível em: http://www.filologia.org.br/cluerjsg/anais/ii/completos/comunicacoes/isabellelinsleite.pdf. Acesso em: 14 set. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base nacional comum curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/. Acesso em: 12 abr. 2020.

CARDOSO, Denise Porto. **Fonologia da Língua Portuguesa**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, CESAD, 2009.

CHAER, Galdino; DINIZ, Rafael Rosa Pereira; RIBEIRO, Elisa Antônia. A técnica do questionário na pesquisa educacional**. Evidência**, Araxá, v. 7, n. 7, p. 251-266, 2011. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/maio2013/sociologia_artigos/pesqusia_social.pdf. Acesso em: 16 maio 2022.

FÁVERO, Leonor Lopes *et al*. **Oralidade e escrita:** perspectivas para o ensino da língua materna. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e escrever**: estratégias de produção textual. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Oralidade e escrita**. Signótica**, v. 9, p. 119-145, jan./dez. 1997. Disponível em: https://revistas.ufg.br/sig/article/view/7396/5262. Acesso em: 12 out. 2018.

SILVA, Ademar. **Alfabetização**: A Escrita Espontânea. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1994.